

BASTA!

A **NAÇÃO** quer o afastamento de **BOLSONARO**. Ele ameaça a democracia ao tentar capturar as Forças Armadas, enquanto o país chora a morte de 325 mil brasileiros por omissão criminosa do Planalto.

Até quando as instituições vão tolerar o desgoverno do **GENOCIDA?**

focus
BRASIL

Uma publicação da Fundação Perseu Abramo
Diretor de Comunicação: Alberto Cantalice
Coordenador de Comunicação: David Silva Jr.
Produção: Oficina da Notícia
Editor Responsável: Olímpio Cruz Neto



FUNDAÇÃO
Perseu Abramo
Partido dos Trabalhadores

DIRETORIA EXECUTIVA

Presidente: Aloizio Mercadante

Vice-presidenta: Vivian Farias

Diretoras: Elen Coutinho e
Jéssica Italoema

Diretores: Alberto Cantalice,
Artur Henrique da Silva Santos,
Carlos Henrique Árabe,
Jorge Bittar, Márcio Jardim
e Valter Pomar.

CONSELHO CURADOR

Presidenta de honra: Dilma Rousseff
Presidente: Fernando Haddad
Conselheiros: Arlete Sampaio,
Camila Vieira dos Santos, Celso Amorim,
Dilson Peixoto, Elói Pietá,
Flávio Jorge Rodrigues, Gleber Naime,
Helena Abramo, Iole Ilíada,
José Roberto Paludo, Juliana Cardoso,
Lais Abramo, Luiza Borges Dulci,
Maria Celeste de Souza da Silva,
Maria Selma Moraes da Rocha,
Nabil Bonduki, Nalu Faria,
Nilma Lino Gomes, Nilmário Miranda,
Paulo Gabriel Soledade Nacif,
Penildon Silva Filho,
Sandra Maria Sales Fagundes,
Teresa Campello e Valmir Assunção.

CONTATOS

webmaster@fpabramo.org.br
Telefone: (11) 5571-4299
Fax: (11) 5573-3338
Endereço: Rua Francisco Cruz, 234
Vila Mariana
São Paulo (SP)
CEP 04117-091

SEMINÁRIO TERÇA DA BENÇÃO IGUALDADE RACIAL NO NORDESTE

**06 DE ABRIL
TERÇA-FEIRA**

FUNDAÇÃO
Perseu Abramo
Partido dos Trabalhadores

**NAPP
NORDESTEUFFA**

NAPP

17H00 - ABERTURA

- Aloizio Mercadante - presidente da FPA
- Jonas Paulo - coordenador do NAPP Nordeste
- Martvs Chagas - secr. Nacional de Combate ao Racismo/PT
- Regina Sousa - vice-governadora do Piauí
- Fernando Haddad - pres. Conselho Curador da FPA

17H45 - MESA 1 - PANDEMIA E DESGOVERNO FEDERAL

- Rita Ventura (BA) - ABAM - Associação das Baianas de Acarajé e Mingaus
- Lindinere Ferreira (PE) - Fórum de Mulheres Negras do PT
- Rosalina dos Santos (PI) - CONAQ - Coop. Nac. de Articulação das Comunidades Negras Rurais Quilombolas

19H15 - MESA 2 - POLÍTICAS ESTADUAIS PARA A POPULAÇÃO NEGRA

- Fabya Reis (BA) - secretária de Promoção da Igualdade Racial da Bahia
- Socorro Guterres (MA) - secretária-adjunta de Igualdade Racial do Maranhão
- Givania Silva (PE) - NAPP Igualdade Racial/FPA

TRANSMISSÃO: /fundacao.perseuabramo /FundacaoPerseuAbramo

PAUTA BRASIL

**ASSISTA AO
PROGRAMA
PAUTA BRASIL**

SEGUNDAS, QUARTAS
E SEXTAS-FEIRAS
ÀS 17 HORAS

REALIZAÇÃO: FUNDAÇÃO Perseu Abramo Partido dos Trabalhadores

TRANSMISSÃO: **DCM Fórum**

ObservaBR

CAMINHOS DA RECONSTRUÇÃO
E TRANSFORMAÇÃO DO BRASIL

Acesse em fpabramo.org.br/observabr

PELO PAÍS. DETER O GENOCIDA

IMPEACHMENT. Oposição quer o afastamento do presidente da República

REPÚDIO. PT e outras legendas repudiam tentativa autoritária

NUNCA MAIS. A Nação se levanta em respeito e na defesa da democracia

RECHAÇO. Bohn Gass e Natália Bonavides denunciam autoritarismo

SENADO. Bancada do PT alerta contra o perigo da ofensiva de Bolsonaro

ENTULHO. FPA e outras fundações partidárias querem revogar LSN

CHOMSKY. O intelectual americano diz que Lula é a esperança de dias melhores

LAVA JATO. Procuradores queriam investigar fora da lei ministros do STF e STJ

APLAUSOS. Ex-ministros dos governos petistas elogiam advogados de Lula

EDITORIAL

BASTA

Aloizio Mercadante *

O Brasil aprofunda sua condição de epicentro mundial da pandemia, com o aumento acelerado das contaminações por Covid-19 e o iminente colapso das redes hospitalares. Já faltam fármacos e cada da vez mais pessoas morrem na fila do desespero. A previsão é de um mês de abril ainda mais trágico, que o atual patamar de quase 4 mil mortos diários.

O desemprego e desalento batem um novo recorde e para os mais pobres o custo de vida sobe aceleradamente, liderado pela alta dos alimentos. Uma multidão de desamparados tenta sobreviver, há três meses, sem o auxílio emergencial, em uma luta diária entre a fome e o risco da doença e da morte.

Além de um arrocho generalizado, o orçamento aprovado prevê um auxílio emergencial irrisório. Os valores de 2020, R\$ 600 e depois R\$ 400, exigiram R\$ 320 bilhões. Agora, estão previstos R\$ 44 bilhões, com prazo de apenas 4 meses e um valor inexpressivo.

Para piorar, apesar de uma nova troca de ministro da Saúde, não há previsão que a vacinação em massa avance. O desgoverno Bolsonaro segue afrontando o pacto federativo, desrespeitando as normas de prevenção e desorganizando as tentativas dos gestores locais de adotar medidas de distanciamento social, utilizadas em todo o mundo civilizado.

Mas, o desastre parece não ter fim. Se verdadeiros, são gravíssimos os fatos que envolveram a saída do ex-comandante do Exército e do ex-ministro da Defesa, demitidos por supostamente não cederem à pressão de Bolsonaro para interferir no STF e não negar a pandemia.

Ao compactuar com Bolsonaro, o Exército sofreu o maior desgaste institucional desde o fim da ditadura militar. Além do ex-ministro da Saúde, um intendente sem preparo para a função, quatro generais da ativa estão ministros e cerca de 6 mil oficiais das Três Forças ocupam diversos cargos, dando sustentação ao cenário de devastação nacional.

Bolsonaro está isolado internacionalmente e vê sua base empresarial, financeira e eleitoral derreter. Por isso, teve que trocar o terraplanista do Itamaraty e incorporou uma parlamentar de pouca expressão ao Planalto, sinalizando prioridade nas emendas parlamentares, mesmo com as urgências orçamentárias impostas pela pandemia. Com isso, tenta organizar uma linha de defesa contra o impedimento, ao mesmo tempo que acena com o fantasma de autogolpe e blinda a família no Ministério da Justiça e na AGU.

Desesperado, Bolsonaro também humilhou as Forças Armadas e a PF ao tentar submeter essas instituições do Estado brasileiro, aos seus interesses políticos pessoais e autoritários. Acontece que os devaneios golpistas de Bolsonaro não cabem mais em um país que precisa fortalecer o Estado Democrático de Direito. A democracia precisa reagir com firmeza contra a insanidade e a tentação autoritária de um Genocida fragilizado e isolado. O "Basta, Bolsonaro" precisa tomar conta das ruas.

* Ex-ministro e presidente da Fundação Perseu Abramo.

Foto: Agência Brasil

GENOCIDA



Bolsonaro flerta com o arbítrio,
tenta enquadrar militares e vira
alvo de novo pedido de **impeachment**

O mundo vê o Brasil como **ameaça global** porque a pandemia segue sem controle e o governo está inerte e omissivo

Já são **325 mil mortos** - 4 mil óbitos por dia
- e a situação ainda vai piorar

Até quando a Nação vai suportar os desatinos deste desgoverno?

Líderes de diversos partidos políticos da oposição apresentaram na manhã de quarta-feira, 31 de março - aniversário do Golpe de 1964 - um novo pedido de impeachment contra o presidente da República, Jair Bolsonaro. A acusação desta vez é de que o líder da extrema-direita cometeu crime de responsabilidade ao atentar contra a democracia no país pela cooptação das Forças Armadas.

O movimento ocorre no momento em que a crise sanitária se agrava e o governo segue inoperante. O Brasil superou a marca de 325 mil mortos por Covid, e atingiu novo recorde de mortes diárias chegando perto dos 4 mil óbitos, enquanto o Sistema Úni-

co de Saúde entrou em colapso em 19 das principais capitais do país. Para coroar, Bolsonaro ameaça a utilização do Estado de Sítio e move ataques contra os governadores e prefeitos, que vêm se virando como podem para impedir o aumento da propagação do vírus em território nacional.

O novo pedido de impeachment de Bolsonaro - o 76º apresentado desde o início do governo, em 2019 - é assinado pelos líderes da Minoria no Senado, Jean Paul Prates (PT-RN), e no Congresso, deputado Arlindo Chinaglia (PT-SP), além do senador Raulo Rodrigues (Rede-AP) e dos deputados federais Alessandro Molon (PSB-RJ) e Marcelo Freixo (PSOL-RJ). "O Brasil é a maior ameaça mundial por novas variantes e

pelo obscurantismo de um governo que flerta com o autoritarismo", acusa Jean Paul. "Além da nossa trágica realidade, ainda querem resgatar a comemoração de outro momento trágico na história", lamentou, referindo-se às celebrações de 31 de Março, para enaltecimento o início da ditadura militar de 1964, que matou, assassinou e perseguiu seus cidadãos.

A crise institucional que o país assistiu na trágica semana em que a pandemia se agravou começou no final de semana. No domingo, o chefe do Itamaraty, embaixador Ernesto Araújo - alvo de insatisfações e críticas dentro do Congresso Nacional - disparou um ataque à presidenta da Comissão de Relações Exteriores do Senado, Kátia Abreu (PP-TO). Levou a pior.



Sérgio Lima

ALENTO O deputado Arlindo Chinaglia (PT-SP) elogiou comportamento militares por defenderem Constituição. Mas persiste o problema: “Bolsonaro foi eleito, mas isso não lhe dá o direito de descumprir a Constituição”

Ele a acusou de atuar como lobista da empresa chinesa Huwaei, que tenta entrar no mercado de telefonia 5G no Brasil e vem sendo atacada pelo clã presidencial e pelo Departamento de Estado americano desde a administração Trump. A acusação era infundada. Kátia reagiu, chamou o chanceler de “marginal”, desencadeou uma onda, angariando apoios dentro do Parlamento até vencer a batalha. O ministro das Relações Exteriores caiu em menos de 24 horas, abrindo espaço para uma reforma ministerial inesperada que deu início a uma nova crise no Planalto.

No esforço de avançar seu controle sobre o Exército, o presidente desferiu um golpe mortal no então ministro da Defesa, General Fernando Azevedo e Silva, que está na reserva desde o Golpe de 2016 mas se apressou dois anos depois em cerrar fileiras com o bolsonarismo. Azevedo foi pressionado a instar o comandante do Exército, General Edson Pujol, a fazer críticas à decisão do Supremo Tribunal Federal que beneficiou o ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva ao reconhecer que Sérgio Moro atuou com parcialidade nos processos que moveu contra o líder

petista. Os generais não gostaram da pressão palaciana.

Ao final, a saída de Azevedo desencadeou uma ampla reação dos três comandantes das Forças Armadas, que imediatamente reagiram a ofensiva de Jair Bolsonaro, na tentativa de controlar os militares. Anunciaram pela imprensa que não cederiam aos sonhos totalitários de Bolsonaro de manter as Forças Armadas sob o seu tacão - e desencadearam uma mudança que, ao final, parece ter sido apenas cosméticas. Os três oficiais saíram dos comandos. Além de Pujol, no Exército, pediram demissão o Almirante Ilques Barbosa (Marinha) e Brigadeiro Antônio Carlos Moretti Bermudez (Aeronáutica).

Na quarta-feira, 31, o General Braga Neto, que passou a ocupar a pasta da Defesa na véspera, baixou uma

Ordem do Dia para celebrar o aniversário do Golpe de Estado e anunciou os nomes dos três novos comandantes: o General Paulo Sérgio Nogueira de Oliveira (Exército), o Almirante Almir Garnier (Marinha) e o Brigadeiro Carlos Almeida Baptista Jr (Aeronáutica). Os dois últimos são próximos do bolsonarismo. Já o General Oliveira é um moderado que tenderia a seguir a orientação de Pujol, mantendo o Exército longe da política e centrado a cumprir seu papel, conforme a Constituição Federal. Um alívio. Bolsonaro não levou, como se imaginava, embora tenha agora um bolsonarista palaciano no comando da Defesa.

Pouco antes do anúncio pela Defesa dos novos chefes das Forças Armadas, o líder da Minoria no Congresso, deputado Arlindo Chinaglia (SP) elogiou o comportamento de Azevedo e dos ex-comandantes por não terem aceitado que Bolsonaro tratasse as tropas como milícia. “O comportamento dos três comandantes e do ex-ministro da Defesa é um alento, pois defenderam a Constituição”, disse Chinaglia. “Bolsonaro foi eleito, mas

isso não lhe dá o direito de descumprir a Constituição”, lembrou.

A ofensiva da oposição em reiterar um pedido de afastamento do presidente da República por crimes de responsabilidade se deve à deterioração do ambiente político e institucional do Brasil, que mergulha de

**“O BRASIL É A MAIOR
AMEAÇA MUNDIAL
POR NOVAS
VARIANTES E PELO
OBSCURANTISMO
DE UM GOVERNO
QUE FLERTA COM O
AUTORITARISMO”**

cabeça numa crise econômica e social que já está sendo chamada na imprensa estrangeira de “tragédia humanitária”. Os líderes da oposição e da minoria temem que o quadro piore ainda mais em um intervalo de tempo curto, tendo em vista que a crise sanitária está se turvando.

O senador Jean Paul Prates ressalta a prática reiterada de Bolsonaro de criação de turbulência e ameaça à ordem democrática a cada vez se sente confrontado com o cenário de catástrofe provocado por seu governo. Ele lembra que são mais de 325 mil mortos na pandemia e 14,3 milhões de desempregados no Brasil. “O país está vivendo um circo, enquanto Bolsonaro se nega a assinar o auxílio-emergencial para liberar o dinheiro para o povo”, criticou. “É um escândalo. O conjunto da obra mais trágica que o país vive desde a fundação da República”.

COMO UM GOVERNO NEGACIONISTA QUE DÁ SINAIS DE QUE VAI USAR A FORÇA PARA IMPOR A SUA VONTADE, PODE SEGUIR À FRENTE DO PAÍS?

a nomeação de pelo menos um oficial menos subserviente ao Planalto - o General Paulo Sérgio chegou a conceder entrevista no domingo ao *Correio Braziliense*, em que não apenas defende a adoção de lockdown pelo governo, como prevê que o Brasil passará por uma terceira onda ainda mais mortal nas próximas semanas.

O médico e neurocientista Miguel Nicolélis vem reiterando ao mundo que a crise sanitária no Brasil não é apenas o epicentro da pandemia do Covid-19, como está se tornando mais letal. Ao jornal espanhol *El País*, Nicolé-

A oposição fala no imperativo de proteger a democracia brasileira diante da investida de Bolsonaro em usar as Forças Armadas contra o esforço de governadores e prefeitos em assegurar medidas para reverter o agravamento da crise sanitária. Apesar do recuo com

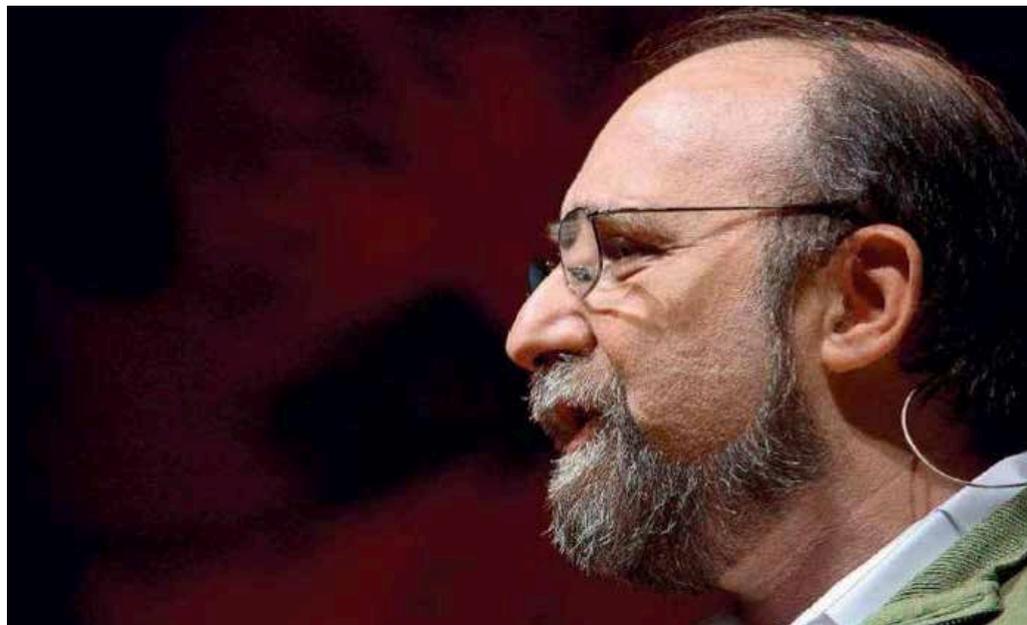
lis alerta que o país está prestes a chegar a um momento chave, em que o descontrole da pandemia seguirá em espiral mais veloz e mortal. “Estamos a poucas semanas de um ponto de não retorno na crise do coronavírus no Brasil”, avisa. Ele projeta até 5 mil mortes diárias em breve e um total de 500 mil mortos vítimas do vírus e do desgoverno em julho.

Como um governo negacionista como o liderado por Jair Bolsonaro, que não apenas se mantém contra as medidas adotadas por prefeitos e governadores e dá sinais de que pode usar a força para impor sua vontade, pode seguir à frente do país? As instituições democráticas estão sendo alertadas pelos líderes da oposição que a situação está ganhando contornos dramáticos.

Azevedo só saiu porque teria se recusado a assegurar apoio das Forças Armadas a medidas mais radicais, como deseja Bolsonaro, que quer usar o Exército para combater as medidas de confinamento social, o chamado *lockdown*, nos estados. Segundo a oposição, o presidente claramente cometeu os crimes de responsabilidade ao investir contra o livre exercício do Poder Legislativo, do Poder Judiciário e dos poderes constitucionais dos estados - o que é vedado pela Lei 1.079/50.

Leticia Moreira

ALERTA O neurocientista Miguel Nicolélis tem advertido o mundo para a tragédia que assombra o Brasil: “Estamos a poucas semanas de um ponto de não retorno na crise do coronavírus no Brasil”. Ele projeta até 5 mil mortes diárias em breve



O pedido de impeachment cita outros crimes de responsabilidade: impedimento por violência, ameaça ou corrupção, o livre exercício do voto; servir-se das autoridades sob sua subordinação imediata para praticar abuso do poder, ou tolerar que essas autoridades o pratiquem sem repressão sua; subversão ou tentativa de subversão por meios violentos da ordem política e social; incitamento de militares à desobediência à lei ou infração à disciplina; e, por fim, provocação de animosidade entre as classes armadas ou contra elas, ou delas contra as instituições civis.

Na imprensa internacional, o drama brasileiro acendeu sinais de alerta. Além de críticas às comemorações do Golpe de 1964, celebradas não apenas pelo General Braga Neto, em sua Ordem do Dia na quarta-feira, mas pelas alusões efusivas do vice-presidente General Hamilton Mourão, e dos filhos do presidente, a decisão de Bolsonaro de deslocar um delegado federal para o Ministério da Justiça também deixou a mídia sobressaltada.

Em despacho distribuído mundialmente pela agência Reuters, o jornalista Gabriel Stargardter observou o jogo de cadeiras no Planalto: "A pandemia no Brasil está saindo de controle. Ameaças de impeachment estão circulando. O arquirrival de esquerda de Bolsonaro [Lula] está ameaçando seu esforço de reeleição no ano que vem. Portanto, o populista de

Agência Brasil



CONFIANÇA O novo ministro da Defesa, General Braga Neto, assumiu o posto como homem do Planalto. E não teve dúvidas. Ao baixar a Ordem do Dia, em 31 de março, determinou as celebrações do Golpe de 1964

extrema direita está reforçando a lealdade das forças de segurança como um seguro contra distúrbios, dizem alguns analistas".

O correspondente do diário português *Diário de Notícias* também mostrou preocupação diante do agravamento do quadro de instabilidade política no Brasil. Experiente e vivendo no país há mais de cinco anos, o jornalista João Almeida Moreira, descarta inclusive a possibilidade de uma guerra civil. "Soa histórico, sim senhor. Mas se chamarmos o Brasil por aquilo que se tornou desde 2018, República Evangélica do *Bolsonaristão*, não soa tanto assim", escreveu ao jornal na última quinta-feira, 1º de Abril.

Outro observador da cena tupiniquim, o editor alemão Klaus-Dieter Frankenberger

escreveu uma coluna no jornal *Sueddeutsche Zeitung*, também em 1º de Abril, abordando o que ele chama de tragédia que se abateu sobre o gigante da América do Sul. "O governo populista [de Bolsonaro] é perigoso", escreveu. "Os especialistas agora dizem que o Brasil representa uma ameaça à 'saúde pública global'. E Bolsonaro, o presidente populista de direita, não é inocente disso. De muitas maneiras, ele imitou seu modelo e seu herói Donald Trump: ele ignorou e minimizou o perigo do vírus por muitos meses. Na verdade, até hoje. Na corrida entre conter a epidemia e manter a economia aberta, ele nunca optou pela proteção à saúde. Em vez disso, ele se gabava de sua resiliência", lamenta.

Enquanto as autoridades de Judiciário e do Legislativo fazem de conta que a fervura não está subindo, o genocida que ocupa o Palácio do Planalto faz o que os especialistas em guerra chamam de avanços sucessivos de aproximação. A cada instante, avança um pouco. E as autoridades fazem de conta que não vem. Como diz a ex-presidenta Dilma Rousseff, é um erro. "Bolsonaro não tem o chip da moderação", ressalta. "Ninguém vai tutelá-lo. É um engano". •

O MUNDO SE ASSOMBRA E JORNALISTA PORTUGUÊS NÃO DESCARTA NEM MESMO A HIPÓTESE DE UMA GUERRA CIVIL NO BRASIL



Najara Araújo

ADVERTÊNCIA A presidenta do PT, deputada Gleisi Hoffmann, assina nota conjunta com líderes dos outros partidos de oposição, que avisam à Nação: "O presidente destoa do povo, que precisa de saúde"

REPÚDIO À TENTATIVA DE RESTRIÇÃO À DEMOCRACIA

Em nota, líderes da oposição denunciam Bolsonaro, por se ocupar da articulação de seus próprios delírios autoritários. E avisam que não há nada a comemorar em 31 de Março, quando o país vive a tragédia da pandemia

por Carlos Siqueira, Carlos Lupi, Gleisi Hoffmann, Juliano Medeiros, Luciana Santos, Heloísa Helena, Wesley Diógenes e Leonardo Péricles *

No dia 31 de março, completaram-se 57 anos do golpe de Estado, que abriu as portas para a ditadura militar que perdurou mais de 20 anos e deixou sequelas profundas na história do país, nas vidas de pessoas e famílias, de democratas, a imensa maioria deles preocupados simplesmente em assegurar a preservação do Estado de Direito, em lugar do autoritarismo.

Não se pode negar que vivamos hoje desafios assemelha-

dos, com a democracia correndo riscos sérios e objetivos, diante da escalada de um governo de pretensões claramente autoritárias, que não esconde tal intento de ninguém, e que tem se valido metodicamente de tentativas de cooptar tanto setores das polícias militares, quanto das próprias Forças Armadas, para implementar seu projeto político.

Jair Bolsonaro ocupa-se, neste sentido, de articular seus delírios autoritários, em lugar de assumir o papel de mais alto servidor público da Nação e, frente a essa

missão, coordenar esforços nacionais, irmanado com governadores e prefeitos, no sentido de fazer face à gravíssima crise sanitária que o país enfrenta há mais de um ano.

Evidentemente, os democratas nada têm a celebrar em 31 de Março, embora reconheçamos que as Forças Armadas e suas principais lideranças têm se atido ao papel institucional que a Constituição Federal consignou a elas. Trata-se, sem dúvidas, de uma evolução civilizatória, que o presidente da República e seu atual Ministro da Defesa se negam a reconhecer, porque jamais superaram a data de 31 de março de 1964.

Jair Bolsonaro ocupa-se, neste sentido, de articular seus delírios autoritários, em lugar de assumir o papel de mais alto servidor público da Nação e, frente a essa missão, coordenar esforços nacionais, irmanado com governadores e prefeitos, no sentido de fazer face à gravíssima crise sanitária que o país enfrenta há mais de um ano.

O presidente destoa do povo, que precisa de saúde; de desempregados, que buscam o pão de cada dia; de famílias, que sofrem seus mortos pela Covid; de miseráveis, que tentam sobreviver à fome; das instituições, que desejam democracia e não um regime de força, que só faria perpetuar a desgraça em que vivemos atualmente.

Conclamamos o povo brasileiro a rechaçar qualquer tentativa de restrição da democracia.

Fora arbítrio, xô autoritarismo e viva o Brasil! •

* Respectivamente, presidentes do PSB, PDT, PT, PSOL e PCdoB; porta-vozes da Rede Sustentabilidade e Rede Sustentabilidade e dirigente da Unidade Popular Pelo Socialismo.



Divulgação/UNE

PROTESTO Estudantes ligados à UNE ocupam a Praça dos Três Poderes, em Brasília, para repudiar a omissão criminoso do governo diante da montanha de mortos pela Covid-19

UM GRITO NA GARGANTA: DITADURA NUNCA MAIS!

Brasileiros celebram a democracia e liberdade, rechaçam nas redes sociais as comemorações ao Golpe de 1964. Todos juntos: ativistas, cientistas, artistas, políticos e entidades dos movimentos sociais fazem a defesa da democracia

Os brasileiros se manifestaram desde cedo, na quarta-feira, 31, em favor da liberdade e da democracia. Em uníssono, ativistas, estudantes, artistas e líderes políticos ocuparam as redes sociais para deixar claro que não aceitam mais autoritarismo e rejeitam qualquer tentativa de se reescrever a história. O recado foi claro: o Golpe de 1964 deu início a uma ditadura militar violenta, injusta, assassina e desumana, que deve ser lembrada apenas para que jamais se repita. Hoje, é a democracia que deve ser celebrada. Apenas e unicamente a democracia.

Por volta das 10h30, a hashtag #DitaduraNuncaMais dominava as redes sociais. No Twitter, foi o termo mais postado no país, com cerca de 100 mil menções. Na lista de assuntos mais comentados na plataforma, figuravam ainda as expressões “Foi golpe” e “Viva a democracia”. Juntas, essas três mensagens apareceram em número muito mais expressivo que as de teor antidemocrático, movidas pelo bolsonarismo e sua base de extremistas e radicais.

Artistas, cientistas, jornalistas, líderes políticos e sociais, além de entidades da sociedade civil reverberaram o desejo por democracia no país. O neuro-

cientista Miguel Nicolelis foi sucinto e preciso em sua resposta à nota emitida, na véspera do aniversário da derrubada de João Goulart pelo novo ministro da Defesa, General Walter Braga Neto, que defendeu a “celebração” do Golpe de 1964.

Nicolelis foi enfático: “Ditadura não se celebra. Ditadura se condena. Abaixo a Ditadura, sempre!”, escreveu. A antropóloga Debora Diniz, como se completasse Nicolelis, ressaltou: “Não se reescreve a história de tortura do golpe militar. É ditadura nunca mais”.

Entidades da sociedade civil também rejeitaram as tentativas de escalada autoritária feitas por Jair Bolsonaro. O presidente nacional da Ordem dos Advogados do Brasil (OAB), Felipe Santa Cruz, disse que “não é porque o projeto de (auto) golpe já nasceu

SENADOR PAULO ROCHA: “NÃO SE COMEMORA TORTURA! NÃO SE CELEBRA MORTE! NÃO SE FESTEJA A TRISTEZA DE UM POVO!”

morto, rechaçado e com selo de ‘inconstitucional’, que se torna menos necessário reafirmar a constante vigilância dos democratas”. E lembrou: “A única mobilização nacional de que se deveria falar neste momento é pela compra de vacinas”.

A presidenta nacional do PT, deputada fede-

ral Gleisi Hoffmann (PR), divulgou video conclamando a sociedade a permanecer atenta. “A nossa luta por democracia deve ser travada cotidianamente. Ditadura nunca mais. Contra a ditadura de ontem, contra a ditadura de hoje”, disse. “Bolsonaro e os bolsonaristas estão sempre numa escala autoritária, fazendo lembrança à ditadura, aos torturadores e defendendo esse modelo de regime para o Brasil. Ameaças com a Lei de Segurança Nacional, ameaça com Estado de Sítio. Nós não podemos permitir isso”.

Fernando Moraes



VACINA. O presidente da OAB, Felipe Santa Cruz, rechaça manifestações golpistas e pede: “A única mobilização nacional de que se deveria falar neste momento é pela compra de vacinas”

Outros líderes do PT, nascido no contexto da luta contra a ditadura, no começo dos anos 80, também se juntaram aos brasileiros nessa celebração da democracia. "Ditadura nunca mais!", bradou o ex-ministro da Educação e ex-prefeito de São Paulo Fernando Haddad. "Temos ódio à ditadura. Ódio e nojo", afirmou o deputado Paulo Pimenta (PT-RS), repetindo o mantra lançado pelo ex-deputado federal Ulysses Guimarães, um dos mais importantes combatentes contra o arbítrio nos anos de chumbo. Essas palavras foram ditas pelo ex-presidente da Câmara dos Deputados na promulgação da Constituição da República, em 5 de outubro de 1988.

"Não se comemora tortura! Não se celebra morte! Não se festeja a tristeza de um povo!", lembrou o líder do PT no Senado, Paulo Rocha (PA). O líder da legenda na Câmara, deputado

Ricardo Stuckert



BRADO RETUMBANTE Nas redes sociais, o ex-prefeito de São Paulo e ex-ministro da Educação Fernando Haddad juntou-se à corrente cívica formada por milhares de brasileiros para lembrar: "Ditadura nunca mais!"

federal Bohn Gass (PT-RS) lembrou-se das vidas daqueles militantes mortos pelo regime militar ao longo de 21 anos.

"São 434 mortos ou desaparecidos. E 4.841 representantes do povo, legitimamente eleitos, des-

tituídos de seus cargos. Foram 20 mil pessoas submetidas a algum tipo de tortura. Milhares de famílias esfaceladas. Não há nada a comemorar! Lembrar, sim, mas para que nunca mais aconteça", disse o parlamentar. •

Lula Marques

NEGACIONISMOS

Por Natália Bonavides *

A tolerância com o negacionismo sobre o passado é o que permite o negacionismo sobre o presente. Os mesmos que negaram o autoritarismo instalado pelo golpe de 1964 são os que hoje negam a catástrofe que é a condução da pandemia pelo governo Bolsonaro. Os mesmos que esconderam cadáveres de pessoas assassinadas pela ditadura militar hoje se esforçam por maquiar os números de mortos vitimados pela COVID-19 e pela gestão genocida de Bolsonaro.

A ausência de punição dura contra quem diz que não existiu ditadura e ainda exalta o regime autoritário criou um ambiente propício para que os mesmos que falariam a nossa história se sintam à

vontade para subverter os fatos do presente. A tolerância com quem faz pouco das vítimas do terrorismo de Estado perpetrado pela ditadura instalada com o golpe de 1964 torna mais fácil a vida de quem, em meio a uma pandemia que mata 3 mil vítimas por dia, despreza a morte e o sofrimento do nosso povo.

Por isso, um acerto de contas com o negacionismo do passado é uma exigência para termos liberdades democráticas em vigor no Brasil. Afinal, como saberemos se a cúpula das Forças Armadas realmente se submete à democracia se, vez ou outra, tratam de redigir notas oficiais que justificam e comemoram o golpe de 1964? Se sequer se intimida de fazer ameaças ou avisos ao Judiciário por meio do Twitter, como o fez para impedir a liberdade do presidente Lula? Se, hoje, esses setores militares e da direita não se enver-



gonham ao mentir sobre os fatos, ao esconder cadáveres, tal qual como fizeram quando deram o golpe em 1964?

Não há liberdade alguma que permita a aberração de subverter fatos históricos e a comemoração da ditadura que matou e torturou. Esse acerto de contas com o passado é uma tarefa urgente do presente. A democracia, as liberdades e a vida do povo brasileiro estão em risco. Esse acerto deve ser agora, com a queda imediata desse governo autoritário e genocida. •

* Deputada Federal pelo PT do Rio Grande do Norte

A GRANDE LIÇÃO DA NOSSA HISTÓRIA

No aniversário do Golpe de 1964, o país repele
Jair Bolsonaro e avisa: ditadura nunca mais

Por Elvino Bohn Gass *

Em pleno século 21, há ainda quem empunhe no Brasil bandeiras antidemocráticas como se o mundo estivesse em plena Guerra Fria e o “comunismo” fosse uma ameaça global. Por trás disso há, evidentemente, uma estratégia de manipulação da população visando a sustentar interesses escusos e ilegítimos para perpetuar um sistema econômico e social injusto e concentrador de renda, como o surgido com o Golpe de 1º de Abril de 1964, que neste ano completa 57 anos.

O Golpe de 64 trouxe ao Brasil uma longa e tenebrosa noite de 21 anos. Com mortes, torturas, desaparecimentos, censura,

perseguições, exílios... A classe trabalhadora sofreu na carne os efeitos da ditadura civil-militar, com arrocho salarial e uma política de concentração de renda. A redemocratização do país, a partir de 1985 e, em especial, com a promulgação da Constituição Cidadã de 1988, trouxe novos ares ao Brasil e conquistas socioeconômicas para o povo, com a instituição de diretrizes para a conformação de um Estado de bem-estar social.

Entretanto, com o Golpe de 2016 contra a presidenta Dilma Rousseff, apoiado por um consórcio midiático, judicial e parlamentar, as mesmas forças de 1964 voltaram ao cenário e

ganharam força com a eleição fraudulenta do neofascista capitão-presidente em 2018. O atual governo é vil, antinacional e antipopular, com uma agenda voltada à destruição de direitos sociais e trabalhistas, dilapidação do meio ambiente e das empresas estatais.

O ano de 1964 não acabou. Há golpistas que conspiram contra a democracia e os direitos do povo brasileiro. O Brasil vive atormentado diuturnamente por um governo de extrema direita que se alinha o tempo todo com o autoritarismo e o desrespeito ao Estado Democrático de Direito. Um governo que incita a quebra da ordem constitucional e alimenta sonhos de arbítrio e da violência.

Trata-se de um presidente que explicitamente defende a tortura, celebra desvairados torturadores e ainda estimula a comemoração de uma data terrível para qualquer pessoa minimamente civilizada.

No momento em que se recorda do macabro e vergonhoso Golpe de 1964 é preciso falar de democracia para que se aprenda, definitivamente, a grande lição da história: Ditadura nunca mais. •

* Deputado federal pelo PT do Rio Grande do Sul, é líder do partido na Câmara dos Deputados.

Divulgação

O ANO DE 1964
NÃO ACABOU. HÁ
GOLPISTAS QUE
CONSPIRAM CONTRA
A DEMOCRACIA E OS
DIREITOS DO POVO
BRASILEIRO





Roberto Stuckert Filho

ATENÇÃO REDOBRADA Senadores do PT repudiam tentativa de aparelhamento. "Manifestamos o mais veemente repúdio à escalada autoritária do governo e a sua tentativa canhestra de subsumir instituições de Estado em ideologias extremistas"

BOLSONARO ATENTA CONTRA A DEMOCRACIA

Em nota, a bancada do PT no Senado condena a tentativa de uso político das Forças Armadas do Brasil pelo presidente da República, em clara afronta ao caro princípio do republicanismo

Por Paulo Rocha, Jean Paul Prates, Humberto Costa,
Jaques Wagner, Rogério Carvalho e Paulo Paim *

O recente uso da anacrônica Lei de Segurança Nacional, uma herança da ditadura, para perseguir legítimos opositores políticos e manifestantes democráticos sinaliza escalada autoritária que colide com a Constituição Federal e com os princípios fundamentais do

Estado Democrático de Direito.

De outro lado, a reforma ministerial anunciada no último dia 29, que resultou na demissão do ministro da Defesa e dos comandantes das três Forças, demonstra a intenção o governo Bolsonaro de tentar aparelhar politicamente as Forças Armadas do Brasil, em clara afronta ao caro princípio do

republicanismo administrativo e em proveito pessoal.

Tal aparelhamento busca desvirtuar a missão constitucional dessas Forças, que, numa democracia, existem para defender a Nação de ameaças externas, nunca para funcionar como agentes de repressão política contra a oposição ao governo e

contra o povo. Assegurar que as Forças Armadas sejam mantidas como instituições de Estado é, pois, fundamental.

Agrava tal escalada o fato notório de que, infelizmente, o presidente Bolsonaro nutre pouco apreço pelas instituições democráticas, tendo manifestado pública e reiteradamente apoio a ditaduras e a torturadores. É fato notório também que o atual inquilino do Palácio do Planalto não respeita o princípio da hierarquia, base do funcionamento da Forças Armadas, tendo se projetado na vida pública subvertendo-a de forma reiterada.

Não há dúvida de que essa escalada autoritária e patrimonialista se vincula ao fato de que o governo Bolsonaro está acuado pelo seu gigantesco fracasso, que se traduz em mais de 300 mil mortes, na incapacidade de prover vacinas e insumos básicos para o combate à pandemia, no abandono da população mais vulnerável, na volta da fome e da pobreza extrema,

O PRESIDENTE NUTRE POUCO APREÇO PELAS INSTITUIÇÕES DEMOCRÁTICAS, TENDO MANIFESTADO APOIO A DITADURAS E A TORTURADORES

no desempenho elevadíssimo e no desprezo à vida e ao sofrimento do povo brasileiro.

Muito embora a sociedade brasileira disponha hoje de instituições democráticas mais sólidas, capazes de reagir a eventuais aventuras autoritárias, é preciso considerar que o caos sanitário, econômico e social produzido - até mesmo de forma

intencional por Bolsonaro - cria um caldo de cultura propício para agressões contra a democracia do Brasil.

Assim sendo, a bancada do Partido dos Trabalhadores do Senado Federal manifesta seu mais veemente repúdio à escalada autoritária do governo Bolsonaro e a sua tentativa canhestra de subsumir instituições de Estado em ideologias extremistas, visando obter dividendos políticos.

Por último, a bancada adverte as forças democráticas brasileiras e a comunidade internacional que o governo Bolsonaro não atenta apenas contra vida biológica de seus cidadãos.

Atenta também, e sobretudo, contra a vida democrática da Nação. •

* Respectivamente, assinam a nota o líder do PT no Senado eleito pelo Pará, o líder da Minoria no Senado eleito pelo Rio Grande do Norte; e demais senadores do Partido dos Trabalhadores pelos estados de Pernambuco, Bahia, Sergipe e Rio Grande do Sul.

BOLSONARISTAS SÃO ACIONADAS NO STF

A presidenta nacional do PT, deputada Gleisi Hoffmann (PR), e a deputada Maria do Rosário (PT-RS) encaminharam ao Supremo Tribunal Federal denúncia contra as deputadas bolsonaristas Bia Kicis (PSL-DF) e Carla Zambelli (PSL-SP). Ambas são acusadas de incitarem a opinião pública e mentirem nas redes sociais, enaltecendo a conduta de policial militar que se rebelou contra a corporação e acabou morto no último domingo em Salvador (BA).

As petistas solicitam ao ministro Alexandre de Moraes que as líderes bolsonaristas sejam investigadas no âmbito de inquérito em curso desde o ano passado, no STF, que apura a disseminação de fake news e mentiras nas redes sociais. Moraes é relator do inquérito. "É inadmissível que as deputadas se aproveitem de uma tragédia, que poderia ter sido muito maior, para propagar mentiras, incitar o caos e a desinformação, sob um ato revestido de antidemocracia institucional", justificam na representação encaminhada à corte.

Notória por sua atuação nefasta nas redes sociais, Kicis apagou a postagem no Twitter em que comentava a morte do soldado da PM Wesley Soares Góes, insinuando que forças de segurança deveriam se insurgir contra governadores que adotam medidas de restrição social contra a Covid-19, mas o estrago estava feito. "O twitter foi apagado, mas não foi apagado o que pensa a deputada", ressaltou Gleisi. A presidenta da CCJ pregava a desobediência e aplaudiu atos de motim e insubordinação. •

O GOLPE DE 1964

Como resumir o que aconteceu no país há 57 anos num relato curto para minha neta: "O movimento golpista tomou a esquerda, em todas suas dimensões, como o inimigo a derrotar e liquidar"

Por Emir Sader



FECHAMENTO DO CONGRESSO Em 1º de Abril de 1964, militares tomaram os quartéis de Minas Gerais e se rebelaram contra o governo, chamando à adesão de outras unidades. Imediatamente isolaram os setores nacionalistas das FFAA e tomaram o poder em Brasília

Arquivo Nacional

O golpe militar de 1964 no Brasil foi um marco, tanto na história brasileira, como da América Latina. Foi um típico golpe da Guerra Fria, a tal ponto, que foi dirigido pelos militares brasileiros que fundaram a Escola Superior de Guerra do Brasil, em 1949, para protagonizar a luta contra o comunismo no país. Foram eles Humberto Castelo Branco – o primeiro ditador – e Golbery do Couto e Silva, o ideólogo mais importante do golpe.

O movimento desenvolveu, ao longo dos anos 1950, a ideologia de segurança nacional, e atuou na perspectiva de salvar o Brasil do comunismo internacional – centrados na Rússia, China e Cuba. Propagavam que o comunismo estava preparando um golpe para instaurar um

regime totalitário no Brasil. Haveria que lutar contra a subversão e contra a corrupção, para defender a democracia.

Em momentos determinados da década de 1950, o movimento tinha tentado tomar o poder: na luta contra o Getúlio em que, com acusações contra a corrupção. Quase chegaram a derrubá-lo. Com o seu suicídio, Getúlio os derrotou e adiou por uma década o golpe.

Tentaram impedir a candidatura e a posse do Juscelino Kubitschek nas eleições de 1955 e houve duas tentativas de putsch de militares da aviação contra o governo do JK. Na renúncia de Jânio Quadros, em 1961, tentaram de novo dar o golpe, impedindo que o Jango, que estava de viagem na China, assumisse, como vice-presidente. Conseguiram impor o parlamentarismo, que seria revogado logo

depois, numa consulta popular.

O movimento golpista de 1964 tomou a esquerda, em todas suas dimensões, como o inimigo a derrotar e liquidar: o governo do João (Jango) Goulart e todos os setores que o apoiavam – sindicatos, partidos de esquerda, centros culturais, universidades, meios de comunicação, setores nacionalistas das Forças Armadas, artistas, intelectuais que tivessem posições progressistas.

Articulou-se fundamentalmente com setores das Forças Armadas que eram formados na Escola das Américas, situada na Panamá, e dirigida pelo governo norteamericano para difundir a ideologia da segurança nacional. Qualquer mobilização popular, qualquer reivindicação social, qualquer opinião nacionalista, era caracterizada como uma manifestação à subver-

são comunista e tinha que ser liquidada. A posição do governo Jango era nacionalista, buscando promover a nacionalização de empresas fundamentais para a economia e a reforma agrária, atacando assim o imperialismo e o latifúndio.

Alem da articulação militar, o movimento mobilizou setores de classe média - em grande medida

mulheres religiosas - em Março contra o governo, chamando à

SETORES DE CLASSE MÉDIA E DA IGREJA CATÓLICA ADERIRAM À IDEIA DE DERRUBAR JANGO. A IMPRESSÃO É QUE A SOCIEDADE ERA CONTRA O GOVERNO. UMA MENTIRA

chas da Família, com Deus, pela Liberdade - de que participava também a Igreja Católica. Passavam a impressão que a maioria da sociedade estava contra o governo e a subversão.

Em 1º de Abril de 1964, um núcleo militar tomou os quartéis de Minas Gerais e se rebelou

adesão de outras unidades militares. Conforme combinado, imediatamente se rebelaram as unidades militares de São Paulo e do Rio de Janeiro, isolando os setores nacionalistas das FFAA, e tomando o poder em Brasília.

Sem formas de apoio, Jango saiu de Brasília, indo para o Rio Grande do Sul, onde contava com o apoio do ex-governador do estado Leonel Brizola. Isolados, não puderam resistir e o movimento golpista se consolidou, promoveu a um dos golpistas, Humberto Castelo Branco como presidente - na realidade, ditador - e deu início ao período de 21 anos de ditadura militar no Brasil que, sob o pretexto de defender a democracia, instauraram a mais longa e brutal ditadura militar no país. •

* Jornalista

Arquivo Nacional



A INTERFERÊNCIA DOS EUA O presidente João Goulart era o alvo das articulações do Departamento de Estado dos EUA, que não apenas fomentou e articulou a deposição do brasileiro, como teve papel decisivo ao treinar uma geração de militares na Escola das Américas



Divulgação

PERSEGUIÇÃO Críticos do governo Bolsonaro, como o youtuber Felipe Neto, tornaram-se alvos de ações judiciais movidas pelo Ministério da Justiça, com base em dispositivo legal criado nos estertores da ditadura militar de 1964. Partidos querem revogar a lei

MERCADANTE: CHEGOU A HORA DE BANIR A LSN

Perseu Abramo e outras fundações ligadas aos partidos de esquerda cobram do Supremo Tribunal Federal e do Congresso a revogação da Lei de Segurança Nacional

Um grupo de oito fundações ligadas aos partidos de oposição - incluindo a Perseu Abramo - divulgou um manifesto no dia do aniversário do Golpe de Estado que tirou João Goulart (PTB) da Presidência da República, cobrando a revogação da Lei de Segurança Nacional. Reunidos no "Observatório da Democracia", o grupo de fundações chama a LSN pelo que ela é: entulho autoritário.

Vigente desde o início da ditadura, a atual lei foi promulgada em 1983, ainda durante o regime militar, durante o governo do General João Figueiredo, o último ditador de plantão, em versão mais branda do que a editada em 1969, quando o país estava debaixo do AI-5, a fase mais agressiva da ditadura. Embora menos grave, a lei segue em vigor e mantém resquícios autoritários de sua predecessora. O governo Bolso-

naro tem usado o dispositivo legal para mover ações contra críticos do Palácio do Planalto, como o jornalista Ricardo Noblat, o chargista Aroeira e o youtuber Felipe Neto. A discussão sobre a revogação da LSN está correndo no Congresso Nacional e também no Supremo Tribunal Federal.

O "Observatório da Democracia" tem feito manifestações públicas contra a atuação do governo Jair Bolsonaro em várias frentes. No documento, o grupo cobra a criação de uma Comissão Parlamentar de Inquérito (CPI) para apurar a atuação do governo e defende a "interdição" de Bolsonaro, o que seria possível somente após aprovação de uma Proposta de Emenda Constitucional (PEC) apresentada pela oposição em meados de março.

As fundações destacam que a LSN vem sendo utilizada por Jair Bolsonaro para processar e perseguir cidadãos civis em razão do suposto cometimento de crimes, claramente fora do escopo da Constituição de 1988. Presidente da Perseu Abramo, Aloizio Mercadante diz que o objetivo do documento é pressionar o Supremo, que tem ações pedindo a re-

“É O MOMENTO PARA QUE A DEMOCRACIA E AS INSTITUIÇÕES REAJAM, COLOCANDO LIMITES, REVOGANDO A LSN”

vogação da lei, e o Congresso Nacional, para revogar o dispositivo legal. “O importante é que seja feito logo”, salientou.

Mercadante avalia que Bolsonaro está perdendo cada vez mais apoio político, caminhando para um isolamento em decorrência de sua atuação na pandemia, que tem levado as mortes para números recordes e atrapalhado a recuperação econômica.

“Por isso, ele tem tentado organizar uma linha de defe-

sa, buscando uma blindagem no Congresso trazendo para o Palácio a gestão de emendas parlamentares em patamar que nunca teve no passado em um momento no qual a saúde precisa de mais recursos”, advertiu. “De outro lado, o presidente colocou um delegado amigo da família no Ministério da Justiça, o que perde um pouco o caráter republicano”, lembrou.

“É o momento para que a democracia e as instituições reajam, colocando limites, revogando a LSN”, disse Mercadante. A mesma linha defende o ex-ministro da Justiça Eugênio Aragão, para quem não faz sentido manter no arcabouço legal uma norma tão arbitrária quanto essa lei. “É flagrante a incompatibilidade da Lei de Segurança Nacional com a atual ordem constitucional do país”, opina.

Além da Perseu Abreu Abramo, assinam o manifesto as fundações: Lauro Campos/Marielle Franco (PSoL), João Mangabeira (PSB), Leonel Brizola/Alberto Pasqualini (PDT), Maurício Grabois (PCdoB), Ordem Social (PROS), Astrojildo Pereira (Cidadania) e Fundação Verde Herbert Daniel (Partido Verde). •

Marcos Oliveira

COBRANÇA O presidente da Fundação Perseu Abramo, Aloizio Mercadante diz que é inadmissível que o governo se utilize de uma norma inconstitucional para tentar sufocar a liberdade de expressão





CHOMSKY: “LULA É A SAÍDA PARA O BRASIL”

Em entrevista ao Tutaméia, o filósofo e linguista Noam Chomsky – um dos mais importantes intelectuais do mundo – diz que o país ganha a esperança com a volta de Lula à arena política

É o ex-presidente do Brasil quem pode recolocar o país no rumo de um projeto de desenvolvimento com igualdade e justiça social

“Lula é hoje um grande e poderoso estadista. Acho que, se ele conseguir driblar as forças que tentam bloqueá-lo, é uma esperança”

Por Eleonora de Lucena e Rodolfo Lucena | Tutaméia

Acredito que ainda vão ocorrer muitas tentativas de impedir que Lula concorra nas próximas eleições, esforços sérios nesse sentido, em parte por causa do intenso ódio de classes que existe no Brasil, que é muito chocante. Alguns setores não querem saber de ter uma pessoa que nem fala português direito assumir uma posição de poder, esse não é o lugar para um trabalhador. Além disso, claro, eles não gostaram das políticas de Lula. De qualquer

forma, Lula é hoje um grande e poderoso estadista. Acho que, se ele conseguir driblar as forças que tentam bloqueá-lo, é uma saída para o Brasil. É uma esperança.”

Essa é a avaliação do filósofo e linguista Noam Chomsky, principal intelectual do planeta, em entrevista ao Tutaméia, concedida em 29 de março, no dia de expurgos em série no governo Bolsonaro, depois de uma semana em que Lula voltou a ter presença marcante na cena política. Na conversa, Chomsky falou sobre a situação do planeta na pande-

mia, os primeiros meses do governo Biden, a ação continuada da extrema direita e a necessidade de cooperação internacional em defesa da vida.

“As crises que o mundo enfrenta são internacionais, atingem a todos. Sempre foi assim, mas hoje está mais claro. Não há fronteiras para a pandemia, não há fronteiras para o aquecimento global, não há fronteiras para a disseminação dos armamentos nucleares, não há fronteiras para a deterioração da democracia no mundo. Tudo isso é uma



APOIO Em Curitiba, onde Lula permaneceu preso. Chomsky não tem dúvidas de que vão querer interditar novamente o ex-presidente. “Veja o Brasil no cenário mundial. Durante os anos Lula, era o país mais respeitado do mundo”

questão contagiosa, que deve ser enfrentada de forma cooperativa”, afirma.

Não é isso que acontece, nem de longe, diz Chomsky, apontando a ação do governo Trump durante a pandemia: “Eles agiram para maximizar as mortes e o sofrimento na América Latina, para garantir o domínio do hemisfério. Isso não é nada novo, mas hoje toma uma forma particularmente selvagem. Recentemente, a principal consultora do governo Trump para resposta à pandemia, Deborah Birx, veio a público dizer que centenas de milhares de mortes poderiam ter sido evitadas se o governo Trump tivesse dado a resposta correta no início da pandemia”.

Chomsky alertou que o trumpismo não é passado, apesar da derrota de Trump. Elogiou a ação do governo Biden no enfrentamento à pandemia e na política interna, que considerou mais avançada do que ele esperava, mas afirmou que a política externa dos Estados Unidos continua a mesma, militarista e beligerante. “Coisa de lunático”, diz.

A seguir alguns trechos da entrevista.

LULA

Eu acredito que ainda vão ocorrer muitas tentativas de impedir que Lula concorra nas próximas eleições, esforços sérios nesse sentido, em parte por causa do intenso ódio de classes que existe no Brasil, que é muito chocante. Alguns setores não querem saber

O QUE OS MERCADOS FINANCEIROS TEMEM É QUE, COM LULA, SEJA ABANDONADO O QUE ELES CHAMAM DE REFORMA FINANCEIRA

de ter uma pessoa que nem fala português direito assumir uma posição de poder, esse não é o lugar para um trabalhador. Além disso, claro, eles não gostaram das políticas de Lula.

É interessante ver o que aconteceu no mercado financeiro, assim que saiu a decisão sobre Lula, apesar de ele ter, em seu governo, favorecido o mercado –um pouco demais para o meu gosto. Ele ofereceu tudo que eles queriam, mas não foi o suficiente, nunca é o suficiente.

A pessoa que eles amam é Paulo Guedes, com sua política de privatizar tudo, dar tudo para os investidores estrangeiros. Isso é perfeito!

O que os mercados financeiros temem é que, com Lula, seja abandonado o que eles chamam de reforma financeira, reforma econômica, uma expressão que significa dar tudo para os ricos, incluindo investidores estrangeiros que podem comprar o país. Isso é o que eles chamam de responsabilidade econômica, política responsável.

Lula tem conquistas muito notáveis. E isso não é a minha opinião, mas sim a do Banco Mundial. Em 2016, o Banco Mundial, que não é exatamente uma instituição de esquerda, fez uma análise aprofundada da economia brasileira classificou os anos Lula como “década de ouro”: enorme redução da pobreza, aumento da inclusão social. Mas os ricos do Brasil não querem isso, eles querem políticas como a da privatização total.

De qualquer forma, Lula é hoje um grande e poderoso estadista. Acho que, se ele conseguir driblar as forças que tentam bloqueá-lo, é uma saída para o Brasil. É uma esperança.

Veja o Brasil no cenário mundial. Durante os anos Lula, o Brasil era o país mais respeitado do mundo, literalmente, honra-

do em toda a parte. Também a voz do Sul global, unificando o hemisfério sul. E veja a atitude em relação ao Brasil de hoje: um país patético, do qual as pessoas riem. É uma enorme diferença, e isso pode ser atribuído largamente à diferença entre Lula e Bolsonaro.

VACINAS

O Brasil é no momento o líder no desastre mundial. Os EUA têm mais mortes no total, mas algumas coisas já estão sendo feitas aqui: agora que o governo Trump caiu, o novo governo está levando à frente um programa de vacinação razoável. O problema nos Estados Unidos é que o partido Republicano, bem no estilo de Bolsonaro, não está cooperando. O estado em que vivo, o Arizona, tem uma das mais altas taxas de infecção, e o governador, que é um repu-

LULA TEM CONQUISTAS MUITO NOTÁVEIS. E ISSO NÃO É A MINHA OPINIÃO, MAS DO BANCO MUNDIAL, POR CONTA DA REDUÇÃO DA POBREZA

blicano trompista, acaba de re-

vogar a obrigatoriedade do uso de máscaras e de determinar a abertura das fronteiras. Quando você tem esse tipo de conflito, muita gente simplesmente não vai fazer nada. Quase metade dos republicanos afirmam que não querem ou não vão tomar a vacina. Eles recebem um tipo de mensagem dos líderes de seu partido e outra, diferente, da comunidade científica.

O mesmo acontece no Brasil, mas de forma mais extremada. A falta de vacinas no Brasil é simplesmente um escândalo internacional, especialmente quando se sabe que o Brasil foi um país conhecido por seus maravilhosos institutos de pesquisas biológicas, pelo seu enorme sucesso em programas de vacinas no passado. Era um líder mundial. Agora está no fundo do poço, e nós sabemos quem é o responsável por isso.



DIFERENÇAS Na era Lula, o Brasil era honrado em toda a parte. E veja hoje: um país patético, do qual as pessoas riem. É uma enorme diferença, e isso pode ser atribuído largamente à diferença entre Lula e Bolsonaro

DOMINAÇÃO

O que o governo Trump fez com o Brasil é muito chocante. Há poucas semanas foi divulgado o relatório anual do Departamento de Saúde e Serviços Humanos dos Estados Unidos, agência federal que trata da saúde, e no relatório relativo às atividades do ano passado, há uma descrição do que o Departamento de Saúde fez na América Latina. Informa que a embaixada do Estados Unidos no Brasil pressionou o governo brasileiro a rejeitar a vacina russa, ainda que as autoridades sanitárias do ocidente a vissem como equivalentes às vacinas dos países ocidentais. E a razão para isso era tentar impedir ou minar a influência russa no hemisfério.

Eles também pressionaram o governo do Panamá, que também está sofrendo severamente com a pandemia, a parar de usar voluntários cubanos nas áreas rurais, como aconteceu no Brasil com os médicos cubanos.

Eles agiram para maximizar as mortes e o sofrimento para garantir o domínio do hemisfério. Isso não é nada novo, mas hoje toma uma forma particularmente selvagem (brutal). Recente-

O QUE O GOVERNO TRUMP FEZ COM O BRASIL É MUITO CHOCANTE: PRESSIONOU BOLSONARO A REJEITAR A VACINA RUSSA

mente, a principal consultora do governo Trump para resposta à pandemia, Deborah Birx, veio a público dizer que centenas de milhares de mortes poderiam ter sido evitadas se o governo Trump tivesse dado a resposta correta no início da pandemia. Mas as falhas do governo, um dia é uma gripe, no outro é algo diferente, no outro diz que é só mimimi das pessoas...

NEGACIONISMO

No Brasil, aconteceu coisa semelhante, pois Bolsonaro seguia a linha de Trump, imitando... Lembrando a frase de Marx sobre a tragédia que se repete como farsa, havia uma tragédia nos Estados Unidos, uma farsa no Brasil. De qualquer forma, é uma situação horrível.

O que pode acontecer? Quem sabe? O que parece estar acontecendo hoje no governo brasileiro é uma espécie de expurgo, gente sendo demitida, gente saindo.

Nos Estados Unidos, há sinais de melhora, mas há o problema do partido Republicano, que está tornando as coisas mais difíceis, divulgando informações falsas, confundindo a sua própria base, muitos deles agora se recusam a tomar vacina, o que será um desastre. Não dá para enfrentar a pandemia se 40% da população dizem que não vão tomar a vacina, não vão colocar máscaras.

TRUMP

Trump não é passado. Ele não é. Ele controla a base de eleitores do partido republicano. Os donos do partido, os ricos, os poderosos, os doadores, eles nunca gostaram muito do Trump, mas estão dispostos a tolerá-lo porque ele

Jim Watson/AFP



SUBMISSÃO Donald Trump e Jair Bolsonaro, em visita aos EUA. "A estratégia era construir uma Internacional reacionária, com a participação dos mais reacionários partidos e governos do mundo"

estava enchendo seus bolsos de dinheiro. Todo o programa legislativo de Trump foi simplesmente enriquecer os ricos para muito além de seus sonhos mais ambiciosos, prejudicando todos os demais. Então eles se dispuseram a aceitar Trump.

Mas isso acabou no dia 6 de janeiro. O ataque ao Capitólio foi demais mesmo para eles, que decidiram cortar o apoio. Mas então aconteceu algo interessante: os senadores, que necessitam é claro do apoio dos doadores e dos poderosos do partido, tiveram de se enfrentar com a massa trumpista, que é quem dá os votos. Então eles ficaram num mato sem cachorro: os chefões mandavam que se livrassem de Trump; mas, se fizessem isso, não teriam os votos da massa trumpista, pois Trump controla o eleitorado.

É interessante observar o senador Mitch McConnell, uma das pessoas mais poderosas do país, o fazedor de dinheiro para os republicanos, principal fonte de acesso a doadores. Por outro lado, Trump tem os eleitores, então ele não sabe bem para onde ir, o partido está dividido. O que eles estão planejando é tornar o país ingovernável, impedir que nenhuma lei seja aprovada, que o Congresso fique parado. Foi o que tentaram com a recente lei de estímulo econômico na pandemia, que foi aprovada. A maioria dos republicanos é a favor da lei e sabe que seus eleitores querem a lei, mas, mesmo assim, cem por cento dos republicanos. Essa foi a ordem do partido.

E isso é o que vai acontecer com todas as propostas do governo democrata para tentar tratar da crise: os republicanos vão fazer todo o possível para bloqueá-las, esperando que o país fique ingovernável, que não seja possível enfrentar a crise, e daí eles possam culpar

Drew Angerer



PORRETE De acordo com Noam Chomsky, a política interna do presidente democrata Joe Biden está sendo muito boa: "É melhor do que o esperado, mas a política externa está um desastre, em alguns pontos até pior"

os democratas pelo fracasso e voltar em 2022, o mesmo ano das eleições no Brasil.

BIDEN

O governo Trump foi frequentemente criticado por não ter uma estratégia geopolítica, mas isso não é exatamente correto.

Havia uma estratégia bem definida –se Trump a entendia ou não é outra questão. A estratégia era construir uma Internacional reacionária, com a participação dos mais reacionários partidos e governos do mundo. No hemisfério ocidental, pode se ver claramente que Bolsonaro era sua base mais importante, por governar o maior país, o país mais importante, e ser um seguidor garantido, fiel a Trump.

Vai ser interessante ver o que Biden faz em relação a isso. Por enquanto não há mudanças. A política interna de Biden está sendo muito boa, melhor do que o esperado, mas a política externa está um desastre, em alguns pontos até pior. A política de confronto com China e Rússia é simplesmente uma loucura, não tem o menor o sentido.

As crises que o mundo enfrenta são internacionais, atingem a todos. Sempre foi assim, mas hoje está mais claro. Não há fronteiras para a pandemia, não há fronteiras para o aquecimento global, não há fronteiras para a disseminação dos armamentos nucleares, não há fronteiras para a deterioração da democracia no mundo. Tudo isso é uma questão

**PROPOSTAS DE
BIDEN PARA A
CRISE SERÃO
BLOQUEADAS
PELOS
REPUBLICANOS,
ESPERANDO QUE
O PAÍS FIQUE
INGOVERNÁVEL**

contagiosa, que deve ser enfrentada de forma cooperativa.

Os chineses já manifestaram seu desejo de cooperação, mas foram chutados na cara, primeiro por Trump e agora por Biden. A concepção militar, divulgada em 2018, de que os Estados Unidos precisam ser poderosos o suficiente para enfrentar uma guerra contra a Rússia e a China ao mesmo tempo, é simplesmente lunática. Não há palavras para isso. Qualquer um que tenha o mínimo de entendimento de questões diplomáticas e da questão nuclear sabe que, se qualquer país fizer um ataque nuclear a uma potência nuclear, é o fim para todos nós.

É coisa de lunático! Mas as coisas estão se movendo nessa direção. De fato, Biden acaba de anunciar um aumento das forças militares dos EUA em base na região que chamam de indopacífico, com mais mísseis. Eles estão aumentando poder militar num momento em que deveriam estar se direcionando para negociações diplomáticas. É uma ação suicida.

SUPER-RICOS

Muitas das políticas em andamento são suicidas, mesmo em países que costumávamos considerar moderadamente civilizados, como na União Europeia. É surpreendente ver como esses países estão agindo na questão das vacinas. Cada país rico está tentando monopolizar a vacina. Muitos deles, incluindo o Canadá e os Estados Unidos, vão ter muito mais vacinas do que podem usar; eles estão simplesmente armazenando.

Todos eles entendem, suas lideranças entendem muito bem que, se as vacinas não forem distribuídas para os países pobres, para a África, a Ásia, a América Latina, o que vai acontecer é que vão surgir mutações do vírus, como já está acontecendo agora, mutações mais letais vão apare-

cer e destruir a todos nós. Eles sabem disso, mas se recusam a fazer qualquer coisa a respeito.

De fatos, os países realmente ricos, como os Estados Unidos, a Suíça e outros estão trabalhando contra o projeto que vem sendo chamado de “vacina do povo”, um esforço global para distribuir vacinas de forma ampla no mundo, tanto por razões éticas como por razões de sobrevivência. Os países onde estão as grandes indústrias farmacêuticas se recu-

A CONCEPÇÃO DE QUE OS EUA PRECISAM SER PODEROSOS O SUFICIENTE PARA A GUERRA CONTRA RÚSSIA E CHINA É SIMPLEMENTE LUNÁTICA

sam a isso, de olho nos lucros; eles preferem garantir que suas empresas estejam inundadas de dinheiro, os super-ricos precisam ficar ainda mais ricos, mesmo que isso signifique o suicídio de toda a humanidade.

CUBA

Vejam as pequenas coisas que acontecem, algumas vezes mais reveladoras do que as grandes atrocidades. Por exemplo, a ação da embaixada dos Estados Uni-

dos para evitar que o Brasil conseguisse a vacina russa e para fazer com que o Panamá desistisse da ajuda de Cuba, e o continuado bloqueio contra Cuba.

Lembrem-se também do início da pandemia, em março do ano passado, quando o norte da Itália foi brutalmente atingido. Eles receberam ajuda de algum dos países vizinhos? Não, tiveram de buscar apoio de uma “superpotência” do outro lado do Atlântico, Cuba, que mandou médicos, remédios e equipamentos para ajudar no combate à pandemia no norte da Itália.

De fato, o internacionalismo de Cuba é surpreendente, impressionante. Não importa a sua posição política, você pode pensar o que quiser de Cuba, mas seu internacionalismo é espetacular. E eles são punidos por isso! É por isso que os Estados Unidos mantêm o bloqueio e as sanções: a ideia é punir a população o quanto for possível. E as sanções são internacionais: todos têm de obedecer, gostando ou não, sob o risco de ser expulso do sistema financeiro internacional.

FORÇAS ARMADAS

Nos Estados Unidos, as Forças Armadas estão sob controle dos civis. Não temos golpes militares, não temos dias de celebração de golpes militares e da imposição de estados policiais de estilo neonazista. Vocês têm. Um dos erros graves da administração Lula foi não ter implementado um programa cultural e educacional; eu não acho que muita gente no Brasil saiba muito sobre o que aconteceu no regime militar.

A impressão que eu tenho, aqui de longe, é que, no Brasil, os militares são vistos como salvadores da nação, enquanto aqui todos sabem, e os chefes militares entendem isso, que as Forças Armadas estão sob o comando dos civis. •



DIÁLOGO O jornalista Reinaldo Azevedo recebeu Lula no programa *É da coisa*. Entrevista “quebrou a internet”, com 300 mil internautas assistindo online pelo YouTube a participação do ex-presidente na BandNews FM

LULA: SAÍDA DA PANDEMIA É VACINA EM MASSA E AUXÍLIO DE R\$ 600

Em entrevista à BandNews FM, o ex-presidente defende a ação do governo federal para garantir vacinas e apoio aos pequenos empresários. “O Estado tem condições”, disse. E lamentou – novamente – o papel de Bolsonaro: “Estamos vivendo o genocídio praticado pela irresponsabilidade de um único homem, que brinca com a doença, que zomba da doença, que inventa remédio”

Eo Estado quem deve e tem condições de ampliar os investimentos para que o Brasil supere a pandemia de Covid-19 e possa recuperar a economia. A primeira ação deve ser a oferta de um auxílio emergencial de R\$ 600, aliada à vacinação em larga escala e à ajuda aos micro e pequenos empresários. Esta é a posição do ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva. Ele concedeu entrevista na quinta-feira, 1º de abril, ao jornalista Reinaldo Azevedo, na Band News FM.

“Espero que o Bolsonaro esteja assistindo. Ele precisa sa-

ber que não tem jeito este país se não houver um salário emergencial de R\$ 600 até terminar esta pandemia. E a pandemia só vai terminar quando tiver vacina para todo mundo”, disse Lula. “Então, deixe de ser ignorante, presidente. Pare de brigar com a ciência, pare de falar para os seus milicianos. Fale para 220 milhões de pessoas. Quando tiver vacina para todo mundo, todo mundo vai voltar a trabalhar, e a economia pode voltar a crescer”. De acordo com o líder petista, o Estado tem condições de fazer o financiamento.

Perguntado por Azevedo se

será candidato em 2022, Lula lembrou que o país não tem tempo a perder e não deve voltar as discussões para o ano que vem. “Este é o ano de – todos nós que temos responsabilidade com este país – fazer o esforço para que o Brasil tenha vacina para todo mundo, que é a única garantia que vamos ter. Nós temos de garantir a ajuda emergencial para que o povo possa ficar em casa e possa comer. E temos que ter ajuda emergencial para o pequeno e micro empresário continuar aberto e funcionando. É isso que temos de fazer prioritariamente”.

Ele disse que o presidente precisa se calar e ouvir a ciência para que o Brasil possa vencer a crise. Lula lamentou a tragédia causada pela negligência do governo na condução da crise sanitária, manifestou solidariedade às famílias das 221 mil vítimas e voltou a falar na necessidade de um esforço do G20 para frear a escalada da doença, disponibilizando vacinas a todos os países.

O ex-presidente voltou a fazer fortes críticas ao governo, inclusive na condução da economia pelo ultraliberal Paulo Guedes. "Qual é a confiança que o Bolsonaro passa ao povo brasileiro? Qual é a confiança que o Guedes passa ao povo brasileiro? Essa gente não fala em povo, essa gente não fala em emprego. Essa gente não fala em política social. O Guedes só fala em vender bens públicos", reclamou. "O Guedes tem de dizer o seguinte: o que o Estado brasileiro vai fazer para ter investimento?" Lula lembrou que a marca de seus mandatos foi a inclusão dos mais pobres no Orçamento da União. Isso ampliou o mercado consumidor e impulsionou a economia.

O ex-presidente, que colocou o Brasil no palco das grandes discussões internacionais com chefes de Estado de todo mundo, lembrou que a política econômica do atual governo corta investimentos e busca diminuir o papel do Estado, reduzindo a possibilidade de estí-

mulo ao crescimento. Ele declarou que não é favorável a um Estado empresarial, mas disse é mais do que necessário que o Estado seja agente indutor da economia. Ele recordou que o Brasil superou a crise mundial de 2008 graças a investimentos vindos de empresas públicas, como o Banco do Brasil, a Caixa Econômica e a Petrobrás.

E comentou que, hoje, o mercado dá as cartas, e o Estado assiste impassível ao desmon-

te do país. "E esse mercado está preocupado com as pessoas que estão dormindo nas ruas de São Paulo? Esse mercado está preocupado com as pessoas que estão tentando ficar isoladas e moram em uma casa de 35 metros quadrados? Esse mercado está preocupado com 14,2 milhões de desempregados?", indagou.

Lula ressaltou que, em seus mandatos, governou para todos, o que significou a inclusão dos mais pobres que, neste momento, estão abandonados à própria sorte. E destacou que nunca foi contra o mercado. "Se esse mercado tivesse juízo, ele ia a Aparecida do Norte pagar promessa para eu voltar. Porque este país nunca esteve tão bem (quanto nos governos do PT). Este país nunca foi tão respeitado nos Estados Unidos, na China, na Rússia, na Etiópia, em Moçambique, na Alemanha. O Brasil virou protagonista internacional", recordou. •

“QUAL É A
CONFIANÇA QUE O
GUEDES PASSA AO
POVO BRASILEIRO?
ESSA GENTE NÃO
FALA EM POVO, NÃO
FALA EM EMPREGO.
NÃO FALA EM
POLÍTICA SOCIAL”

EM 2018, ADVERSÁRIOS VOTARAM EM BOLSONARO

A entrevista de Lula a Reinaldo Azevedo eclipsou o esforço de um grupo de seis presidentiáveis. Sob o rótulo de que representam o Centro, eles soltaram na semana que passou um "manifesto em defesa da democracia", excluindo o ex-presidente da iniciativa. O movimento foi saudado pela mídia comercial como decisivo para os destinos do país e tentou emplacar a versão de que a reunião do Centro é uma alternativa à polarização entre Bolsonaro e a esquerda no próximo ano.

A Reinaldo Azevedo, Lula alfinetou os adversários, lembrando a atuação de Luciano Huck, João Amoedo, Henrique Mandetta, João Dória e Eduardo Leite na última eleição presidencial: "Essa gente preferiu votar no Bolsonaro", declarou. Ciro Gomes foi para Paris e disse que não via riscos na eleição de Bolsonaro. Apesar disso, Lula declarou que o PT buscará o centro se for necessário para derrotar Bolsonaro no próximo ano.

Lula e Reinaldo quebraram a internet. A "live de Lula" registra audiência 18 vezes maior do que Bolsonaro e bateu recorde. Apenas no YouTube, foram 300 mil espectadores acompanhando ao vivo. Na sexta, 2 de abril, o vídeo já havia sido visto por 1,4 milhão de pessoas no canal da BandNews FM na plataforma. •



FORA DA LEI O ex-coordenador da Operação Lava Jato, Deltan Dallagnol, tentou investigar ilegalmente ministros como Gilmar Mendes, alvo da República de Curitiba. As provas foram encaminhadas pela defesa de Lula

LAVA JATO INVESTIGOU ILEGALMENTE MINISTROS DO SUPREMO E DO STJ

Objetivo era constranger magistrados para que as condenações dadas pelo ex-juiz Sergio Moro não fossem anuladas nas instâncias superiores de Justiça

A defesa do ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva encaminhou ao Supremo Tribunal Federal (STF) novas provas de que a operação Lava Jato tentou investigar, de maneira ilegal, ministros da Corte e de outros tribunais superiores. Em mais um relatório preliminar, no qual encaminharam mais evidências da perseguição a Lula e da submissão da força-tarefa aos interesses norte-americanos, os advogados Cristiano Zanin Martins e Valeska Teixeira Zanin Martins também revelam que os procuradores falavam da necessidade de investigar ministros dos tribunais superiores.

Como explicam os advogados na petição encaminhada ao STF, o objetivo da força-tarefa de Curitiba era, agindo fora da lei, pressionar os ministros dos tri-

bunais a, quando fossem analisar os casos, não votar contra as condenações em primeira instância, já garantidas pelo então juiz Sergio Moro. As revelações ocorrem uma semana depois de o STF decidir pela parcialidade do ex-juiz, declarado parcial ao julgar Lula. "O novo material confirma que a Lava Jato tinha alvos pré-definidos e que também buscava criar constrangimentos indevidos a membros dos tribunais superiores com o objetivo de que as decisões da primeira instância não fossem revistas", aponta a defesa de Lula no documento.

A petição transcreve um dos diálogos, de 1º de março de 2015, quando o procurador Roberson Pozzobon menciona investigações contra "pessoas aí de cima", ou seja, com prerrogativa de foro e que somen-

te poderiam ser investigadas e processadas pela Procuradoria Geral da República. "Temos consciência da dificuldade de obter provas fortes em relação aos investigados aí de cima e estamos aqui para reforçar tudo o quanto for possível para a investigação e o processamento deles. Não temos como investigá-los diretamente, mas podemos (e temos feito) ajudar com provas comuns à 1ª instância e ao STF".

Uma referência a Gilmar Mendes, ministro do STF, aparece em diálogo de 17 de março de 2015. Em dado momento, um dos procuradores pergunta aos colegas: "Será que com o (empresário Adir) Assad chegamos no PSDB-SP? Ou algum outro operador que chegue nos amigos do Gilmar, por isso a novidade?"

Há referências, ainda, a ministros do Superior Tribunal de Justiça (STJ). Em 12 de maio de 2016, Deltan Dallagnol tratou de uma investigação relacionada ao "ministro do STJ", esclarecendo depois que se referia ao ministro Ribeiro Dantas, que, na época, era relator da Lava Jato no tribunal.

De onde vêm as mensagens? As mensagens de celular que a defesa de Lula tem analisado foram apreendidas, segundo a Polícia Federal, na Operação Spoo-fing, em 23 de julho de 2019. Nela, foram presos hackers que invadiram o celular de autoridades, inclusive os do ex-juiz Sergio Moro e dos procuradores da Lava Jato.

A defesa de Lula obteve autorização do STF para analisar as mensagens relacionadas às ações contra o presidente. À medida em que descobrem novas provas do conluio ilegal da Lava Jato contra o presidente, os advogados enviam essas provas para o Supremo. •



Joka Madruga

COMBATIVOS Os advogados Valeska Teixeira Martins e Cristiano Zanin Martins jamais desistiram do bom combate legal e, como Émile Zola, foram incansáveis na defesa de Lula

UM ELOGIO PÚBLICO À DEFESA DE LULA

Ex-ministros dos governos Lula e Dilma homenageiam os advogados Cristiano Zanin Martins e Valeska Teixeira Martins, cuja atuação foi decisiva para a vitória do ex-presidente na Justiça: “Nunca desistiram. Denunciaram a prisão de Lula e desmontaram a farsa de Sérgio Moro e Deltan Dallagnol”

por Ricardo Berzoini, Eleonora Menicucci, Nilma Lino Gomes, Miriam Belchior, Aloizio Mercadante, Jorge Messias, Fernando Pimentel, Tereza Campello, Inês Magalhães, Eloi Ferreira De Araujo, Maurício Muniz, Ideli Salvatti, Humberto Costa, Paulo Vannuchi, Nelson Barbosa, Paulo Bernardo, Ronaldo Crispim Sena Barros, Jaques Wagner, Juca Ferreira e Artur Chioro

A fé no Direito, na presunção da inocência e na Justiça. Os advogados Cristiano Zanin Martins, Valeska Teixeira Zanin Martins, bem como toda equipe jurídica que integra a defesa do Presidente LULA são exemplo de perseverança, profissionalismo e dedicação.

Erigeram uma muralha para defender Lula. E mostraram que a luta contra a injustiça vale ser travada, mesmo nas condições mais duras e insanas.

Contra tudo e contra todos os obstáculos – jurídicos, políticos e a perversa manipulação da opinião pública – jamais se afastaram da defesa intransigente da honra e da inocência do presidente Luiz Inácio Lula da Silva.

Não se curvaram às pressões e nem mesmo à máquina das mentiras montada pela Lava Jato. Perseguidos, não se calaram. Mantiveram-se eretos e confiantes e não desistiram da busca pela verdade.

Diante das circunstâncias mais duras, vítimas do Lawfare movido por Sérgio Moro e a “República de Curitiba”, atravessaram os últimos cinco anos apegados a princípios, como cruzados da verdade e da presunção da inocência.

Enfrentaram dias duros. Foram atacados na honra e jamais desistiram. Foram alvos da Lava Jato. Grampeados e monitorados. Não se dobraram. Ambos são a prova de que o Direito é instrumento de Justiça e da Verdade. Ambos deram demonstração de força e caráter.

É justo que a luta que travaram seja reconhecida e aplaudida. Não é fácil seguir o bom combate quando os obstáculos estão entranhados no próprio sistema judicial, operando contra a inocência e o próprio conceito



LAWFARE O ex-juiz federal Sérgio Moro, que deixou a magistratura depois de prender Lula e tirá-lo da disputa em 2018, chegou a monitorar os advogados do ex-presidente, violando princípios constitucionais

É JUSTO QUE A LUTA QUE TRAVARAM SEJA RECONHECIDA E APLAUDIDA. NÃO É FÁCIL SEGUIR O BOM COMBATE QUANDO OS OBSTÁCULOS ESTÃO ENTRANHADOS NO PRÓPRIO SISTEMA JUDICIAL

de Justiça.

Diante da trama, vale lembrar as palavras de Émile Zola, na defesa de Alfred Dreyfus:

“Ah!, que agitação de demência e imbecilidade, de imaginações estúpidas, de práticas de políticas mesquinhas, de costumes inquisitoriais e tirânicos, a satisfação de alguns agaloados esmagando a nação com suas botas, enfiando goela abaixo seu grito de Verdade e Justiça, sob o pretexto mentiroso e sacrílego da razão de Estado! E é um crime ainda terem se apoiado na imprensa imunda, terem se deixado defender por toda a canalha, de modo que é essa canalha

que triunfa insolentemente, diante da derrota do direito e da simples probidade”.

Como Zola, Cristiano Zanin e Valeska Martins não desistiram. Denunciaram a prisão de Lula – perseguido como o capitão Dreyfus, vítima de uma trama política – e desmontaram a farsa de Sérgio Moro e Deltan Dallagnol. O reconhecimento agora pelo Supremo Tribunal Federal da perseguição da Lava Jato a Lula coroa o trabalho dos dois grandes advogados.

Parabéns, Zanin, Valeska, bem como toda equipe jurídica que integra a defesa do Presidente LULA. Vocês são exemplo.

Aplausos, de pé, a esses gigantes do Direito. •



Ramon Espinosa/EFE

EXEMPLO Profissionais de saúde testam voluntários durante os testes de Fase 3 da vacina candidata contra o coronavírus Soberana 2, em Havana

'WASHINGTON POST' DESTACA CUBA COMO POTÊNCIA CONTRA COVID

O jornal estadunidense *Washington Post*, um dos mais influentes do mundo, destacou em sua edição de quarta-feira, 31 de março, que Cuba pode se tornar uma potência da vacina contra o coronavírus, "contra todas as probabilidades". Cinco vacinas estão em desenvolvimento em Cuba, duas em estágio final de testes com o objetivo de uma distribuição mais ampla até maio.

O diário lembra que o líder cubano Fidel Castro, morto em dezembro de 2018, prometeu nos anos 80 transformar Cuba em rolo compressor da biotecnologia, a partir de um minúsculo laboratório de Havana. "Quarenta anos depois, a nação-ilha comunista pode estar à beira de um avanço singular: tornar-se o menor país do mundo a desenvolver não apenas uma, mas várias vacinas contra o coronavírus", destaca.

O *Post* diz que as vacinas serão uma proeza médica contra todas

as probabilidades – bem como um golpe de relações públicas – para um país isolado de 11 milhões de habitantes que foi adicionado de volta à lista dos Estados Unidos de patrocinadores do terrorismo no dias finais do governo Trump.

As autoridades cubanas dizem que estão desenvolvendo soros baratos e fáceis de armazenar. Os imunizantes comunistas são capazes de durar semanas em temperatura ambiente e em armazenamento de longo prazo de até 46,4°C, tornando-os potencialmente uma opção viável para países tropicais de baixa renda que foram colocados de lado por nações maiores e mais ricas na disputa internacional para vacinas de coronavírus.

Jarbas Barbosa, diretor-assistente da Organização Pan-Americana da Saúde (Opas), sugeriu que pode levar até seis meses para que a Organização Mundial da Saúde (OMS) aprove as vacinas candidatas cubanas, se elas

forem eficazes. "Saúdamos todos os desenvolvimentos de vacinas, mas todas as vacinas do mundo precisam atingir os mesmos critérios para garantir qualidade, segurança e eficácia", disse.

Diz a reportagem do *Washington Post*: "Se as vacinas de Cuba tiverem sucesso, seus pesquisadores terão superado ainda mais obstáculos do que seus pares nos laboratórios ocidentais – incluindo a falta de equipamentos, peças sobressalentes e outros suprimentos, em parte devido às sanções dos EUA.

Franco Cavalli, presidente da *MediCuba Europe*, um agrupamento de organizações sem fins lucrativos que auxiliam a pesquisa de biotecnologia de Cuba, disse que o grupo forneceu a Havana no ano passado um equipamento de US\$ 500 mil de que precisava para avaliar a eficácia da vacina contra o coronavírus. "Uma vacina bem-sucedida pode se tornar uma nova fonte vital de receita para Cuba, que vem sofrendo uma crise econômica brutal que faz com que os cidadãos esperem horas na fila para comprar alimentos, sabonete e pasta de dente escassos". O *Washington Post* não conta, mas as dificuldades da ilha caribenha são decorrentes do criminoso bloqueio econômico imposto pelo governo dos Estados Unidos.

Cuba sugeriu que fornecerá suas vacinas gratuitamente ou a preço de custo para as nações mais pobres. Mas poderia cobrar um prêmio de outros, ganhando dinheiro de maneira semelhante aos lucros que obtém de suas brigadas médicas, ou equipes de emergência de médicos e enfermeiras experientes no combate a surtos globais e enviados em grande número no ano passado para ajudar países duramente atingidos na luta contra o coronavírus. •

GOVERNO PROMOVE CORTE CRIMINOSO NA ÁREA SOCIAL

Proposta aprovada pelo Congresso do Orçamento da União é um ataque direto de Bolsonaro ao Estado e afronta o país. PT denuncia que projeto tira a capacidade do Brasil de enfrentar a pandemia. Governo deu prioridade para os militares

Sob as críticas e protestos do PT, o Congresso aprovou o Orçamento Geral da União de 2021 aprofundando cortes na área social e lançando um ataque direto ao Estado brasileiro. O líder da Minoria no Senado, Jean Paul Prates (PT-RN) criticou duramente a iniciativa do governo Bolsonaro, que deu prioridade para a área de defesa, concentrando em programas militares o grosso do investimento da União, no momento em que a pandemia de Covid-19 se aprofunda.

O coordenador da bancada do PT na Comissão Mista de Orçamento, deputado Afonso Florence (PT-BA), afirmou que a proposta é muito ruim, porque retira dinheiro da educação, da saúde, da assistência social, do meio ambiente, do programa de apoio à agricultura familiar, do seguro-desemprego, do abono salarial e de benefícios previdenciários. As críticas de Jean Paul vão na mesma linha.

“Os militares vão receber reajuste salarial e um quinto dos investimentos federais enquanto a saúde está em colapso. É assim que Bolsonaro demonstra sua preocupação com o Brasil e com os brasileiros?”, criticou. “É um absurdo que, num momento como

este, o governo trabalhe por aumentos salariais para as Forças Armadas e deixe de lado a pandemia”. A peça orçamentária destina R\$ 8,3 bilhões para investimentos do Ministério da Defesa, 22% do total destinado a todo o governo federal, conforme o relatório do senador Márcio Bittar (MDB-AC).

O líder do PT no Senado, Paulo Rocha (PA), também denunciou a manobra engendrada pela equipe econômica liderada pelo ministro Paulo Guedes. “Não pode-

mos concordar com a redução da verba para a saúde no momento atual. O SUS vai receber R\$ 28 bilhões a menos em relação ao Orçamento de 2020. Isso é inadmissível e imoral”, atacou o parlamentar. A matéria segue para sanção presidencial. O Senado aprovou o Orçamento por 60 votos favoráveis, 12 contrários e uma abstenção.

Paulo Rocha disse que a maioria da população vai sofrer com as restrições impostas pelo governo federal, mas que isso já vem ocorrendo desde a queda da presidenta Dilma Rousseff, em 2016, afastada por um impeachment sem crime de responsabilidade. Ele lembrou que as políticas sociais vêm sendo minadas desde a ascensão de Michel Temer.

“Os recursos para setores fundamentais, aliás, já vêm sendo reduzido há algum tempo com o teto de gastos”, destacou, lembrando a PEC aprovada em 2018. “É corte para universidades, nos fundos previdenciários, no abono salarial e até no seguro-desemprego. Não é possível”, criticou o líder petista. “Por isso fomos contra a votação do Orçamento deste ano. Há de se ter responsabilidade com os recursos públicos, mas também com as necessidades mais básicas da população”.

A proposta orçamentária é

**O SUS VAI
RECEBER R\$ 28
BILHÕES A MENOS
EM RELAÇÃO
AO ORÇAMENTO
DE 2020. ISSO É
INADMISSÍVEL E
IMORAL**



Agência Câmara

PANDEMIA E ARROCHO FISCAL. OS DILEMAS DO ORÇAMENTO

Em meio à crise sanitária o governo aprovou um orçamento com despesas da ordem de R\$ 4,3 trilhões, insuficientes para o Estado executar políticas públicas

Por Afonso Florence *

FLORENCE "Quando o povo brasileiro mais precisa do orçamento público, Bolsonaro e Guedes captura-o para o pagamento da dívida"

ruim porque retira dinheiro das áreas de educação, saúde, assistência social, meio ambiente, agricultura familiar, seguro-desemprego, abono salarial e benefícios previdenciários. De acordo com o PT, a proposta aprovada é um ataque sem precedentes ao Estado brasileiro e à sua capacidade de enfrentar a crise sanitária.

O relator Marcio Bittar apresentou remanejamento de despesas no valor de R\$ 26,5 bilhões. Ele retirou recursos que estavam destinados a gastos com benefícios previdenciários (R\$ 13,5 bilhões), abono salarial (R\$ 7,4 bilhões) e para seguro-desemprego (R\$ 2,6 bilhões) e abasteceu emendas destinadas às obras tocadas pelos ministérios do Desenvolvimento Regional e da Infraestrutura.

Relatório do Ministério da Economia apontou que as receitas da Previdência Social estão subestimadas, na proposta enviada no ano passado, em R\$ 8 bilhões. Bittar disse que o combate a fraudes, a reforma da previdência e uma medida provisória que mudará as regras do auxílio-doença reduzirão os gastos e cortou mais R\$ 13 bilhões nesta quinta-feira. •

O Congresso aprovou a Lei Orçamentária Anual de 2021, em março desse ano, com três meses de atraso, sem que o ministro Guedes tivesse enviado ao Congresso a atualização dos indicadores macroeconômicos constantes da PLDO, de agosto de 2020.

A gestão fiscal estava baseada, no teto de gastos (EC 95/16) e ganhou, em maio de 2020, o reforço da EC 106/20 com um regime fiscal próprio para enfrentar a pandemia. Agora, o governo, aprovou a EC 109/21, que ao invés de um extra teto, aumentou o arrocho, com gatilhos, também para entes sub nacionais. Fora do teto, só os insuficientes R\$ 44 bilhões para o auxílio emergencial. A 109 autorizou o uso do superávit financeiro dos fundos para amortização da dívida pública, uma folga de R\$ 200 bilhões.

Em meio à crise sanitária o governo aprovou um orçamento com despesas da ordem de R\$ 4,3 trilhões, insuficientes para o Estado brasileiro executar políticas públicas, em especial para promoção à saúde, assistência social e educação e, intervir na economia para auxiliar a renda das famílias, e alavancar a atividade econômica.

O orçamento contém corte de R\$ 26,5 bilhões de despesas obrigatórias, uma burla da regra, que já estavam subestimadas em R\$ 17,5 bilhões, entre elas da previdência e do seguro desemprego. Cortou, também, a dotação

para equalização do Pronaf, que de uma previsão inicial de R\$ 1,8 bilhão perdeu R\$ 1,3 bilhão, praticamente, extinguindo o subsídio para produção de alimentos. Muito provavelmente, o governo buscará sanar essa irregularidade solicitando ao Congresso suplementação orçamentária.

Dentre as despesas orçadas está R\$ 1,6 trilhão destinado ao refinanciamento da dívida pública, e apenas R\$ 144,4 bilhões para investimento das estatais. O texto aprovado contém R\$ 29,4 bilhões para as emendas individuais e de bancada. Estavam previstos na PLOA R\$ 16,3 bilhões para emendas parlamentares, o relator remanejou R\$ 26,4 bi de despesas obrigatórias e R\$ 3,0 bi de despesas discricionárias, para turbinar a operação política. Lembrando que o pagamento da dívida não é submetido ao teto de gastos.

Quando o povo brasileiro mais precisa do orçamento público o governo Bolsonaro/Guedes captura-o para o pagamento da dívida.

A pergunta não é se a LOA 2021 fura o teto, ou se a EC 95/16 será revogada mas, porque mesmo durante a pandemia o pagamento da dívida continua sendo a prioridade; e, qual a fórmula orçamentária, e extra orçamentária, para que o Estado brasileiro tenha as condições para enfrentar a pandemia e suas consequências. •

* Deputado Federal pelo PT da Bahia

A ATUAL DIRETORIA DA PERSEU ABRAMO

Saiba quem é quem à frente da fundação ligada ao Partido dos Trabalhadores



Alberto Cantalice

Formado em Direito, foi aluno do Instituto de Estudos do Marxismo-Leninismo, em Moscou (Rússia) no início dos anos 1980. Foi subsecretário de Estado de Assistência Social e Direitos Humanos do Rio de Janeiro e presidente do PT do Rio no período entre 2005 e 2009. Também foi vice-presidente e Secretário Nacional de Comunicação do PT no período de 2013 a 2020.



Aloizio Mercadante

Economista, 66 anos, formou-se pela Faculdade de Economia e Administração da Universidade de São Paulo (USP), em 1976. É mestre em Ciências Econômicas pelo Instituto de Economia da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp) e doutor em Teoria Econômica pelo Instituto de Economia da Unicamp. É professor aposentado de economia da Universidade de Campinas e professor licenciado pelo Departamento de Economia da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP).

Participou da fundação do Partido dos Trabalhadores (PT), tendo sido vice-presidente e diretor de Relações Internacionais da Comissão Executiva Nacional. Participou também da fundação da Central Única dos Trabalhadores (CUT), onde foi fundador e primeiro diretor do Departamento de Estudos Sociais, Econômicos e Políticos. Ex-deputado federal pelo PT, em dois mandatos - entre 1991-1995 e 1999-2003. Foi presidente da Comissão da Economia e líder da bancada do PT. Foi candidato a vice-presidente da República com Luiz Inácio Lula da Silva nas eleições presidenciais de 1994 e senador da República por São Paulo, na legislatura 2003-2011, tendo sido o senador mais votado da história com 10,5 milhões de votos. Foi presidente da Comissão de Assuntos Econômicos do Senado, líder do Bloco de Apoio ao governo Lula e líder da bancada do PT, além de membro da representação brasileira e presidente do Parlamento do Mercosul 2007-2010. Foi ministro de Ciência, Tecnologia e Inovação (2011-2012); ministro da Educação (2012-2014), ministro-chefe da Casa Civil da Presidência da República (2014-2015) e ministro da Educação (2015-2016) nos governos de Dilma Rousseff. É o presidente da Fundação Perseu Abramo.

Seus trabalhos mais recentes incluem: "O Brasil Pós-Real, Uma economia política em debate" (Salvador, Ed. Faceba, 1998); "Brasil Primeiro Tempo" (São Paulo, Ed. Record, 2006); "Brasil: Observatório: Coletânea de artigos sobre a evolução do Brasil nos últimos anos" (Senado da Repú-

blica, 2009); "Uma construção retomada" (São Paulo, Ed. Terceiro Nome, 2010); "Brasil: de Lula a Dilma", (2003-2013) (Madri, Clave Intelectual, 2013); "Como bases do Novo Desenvolvimento no Brasil: Análise do Governo Lula (2003-2010)" - Tese de Doutorado, Campinas, Unicamp, 2010; e "Governos do PT: um legado para o futuro" (2018), organizador junto com Marcelo Zero.



Artur Henrique da Silva Santos

Sociólogo, ex-presidente nacional da CUT, secretário de Desenvolvimento e Trabalho da Prefeitura de São Paulo na gestão de Fernando Haddad. É o atual diretor financeiro da Fundação Perseu Abramo.



Carlos Henrique Goulart Árabe

Economista, doutor em Ciência Política, foi secretário nacional de Comunicação e de Formação Política do PT. É diretor da FPA para Estudos, Pesquisas e Editora.



Elen Coutinho

Economista, pesquisadora em Direitos Humanos com trabalhos acadêmicos publicados na área do combate ao trabalho escravo. Foi assessora da Comissão de Direitos Humanos e Segurança Pública na Assembleia Legislativa da Bahia. Ex-secretária de Juventude e de Formação Política do PT da Bahia. É membro do Diretório Nacional do PT e militante do Movimento Negro.



Jéssica Italoema

Graduada em Licenciatura Plena em Letras, é membro da Executiva Nacional da Juventude do PT e do Coletivo de Combate ao Racismo do PT do Amazonas. É diretora da Fundação Perseu Abramo.



Jorge Bittar

Engenheiro eletrônico pelo ITA, foi vereador do Rio de Janeiro por dois mandatos e deputado federal, por quatro mandatos. Também foi secretário estadual de Planejamento do Rio de Janeiro, secretário municipal de Habitação da cidade do Rio de Janeiro e presidente da Telebrás. Atualmente é diretor de Formação da Fundação Perseu Abramo.



Marcio Jardim

Graduado em História pela Universidade Federal do Maranhão, professor, foi vice-presidente da UNE (1997-1999), ex-secretário de Assuntos Institucionais da Prefeitura de São Luís (2013-2014) e de Esporte do governo do Maranhão (2015-2017). Foi membro do Diretório Nacional do PT (2017-2019).



Valter Pomar

Técnico industrial em artes gráficas, é doutor em História Econômica, professor de Relações Internacionais da Universidade Federal do ABC e membro do Diretório Nacional do Partido dos Trabalhadores. Também é diretor da Fundação Perseu Abramo.



Vívian Farias

Iniciou a trajetória no movimento estudantil na UFPE. Assistente Social, é pós-graduada em Gestão Pública pela FESP-SP. Foi assessora nos três níveis de governo e no Senado, dirigente municipal do PT, secretária de Comunicação do PT de Pernambuco e secretaria nacional de Organização da JPT e de Coordenações Regionais do PT Nacional. Atualmente, é vice-presidenta da FPA e diretora da Escola Nacional de Formação do PT. •

HISTÓRIA DA FUNDAÇÃO

A Fundação Perseu Abramo foi instituída pelo Partido dos Trabalhadores por decisão do seu Diretório Nacional em 5 de maio de 1996. A decisão abria o caminho para concretização de uma antiga aspiração do PT: constituir um espaço, fora das instâncias partidárias, para desenvolvimento de atividades como as de reflexão

política e ideológica, de promoção de debates, estudos e pesquisas, com a abrangência, a pluralidade de opiniões que, dificilmente, podem ser encontradas nos embates do dia-a-dia de um partido político. A fundação tem como fins a pesquisa, elaboração doutrinária e a contribuição para a educação política dos filiados do Partido dos Trabalhadores e do povo trabalhador brasileiro.

A diretoria executiva é composta de seis membros: um presidente, um vice-presidente e mais quatro diretores, com atribuições de planejamento, orientação e coordenação dos trabalhos da fundação, de representação externa da entidade, inclusive junto à curadoria de fundações, e de sua articulação com as instâncias do partido e com os diversos segmentos da sociedade em geral. •

O CONSELHO CURADOR DA FPA

Uma ex-presidenta da República, ex-ministros de Estado, secretários estaduais e municipais, deputados, vereadores, gestores, economistas, intelectuais e professores. Esse é o time de conselheiros da Fundação Perseu Abramo, cuja presidência de honra é ocupada pela ex-presidenta Dilma Rousseff. O presidente do Conselho Curador é o ex-prefeito e ex-ministro da Educação Fernando Haddad.

O Conselho Curador da Fundação Perseu Abramo é composto por 21 membros designados pelo Diretório Nacional, cabendo-lhe não apenas as tarefas de fiscalização, de aprovação das contas, do orçamento e do plano de trabalho anuais, mas também as de decisão em todas as questões importantes como as relativas a eventuais alterações

do estatuto ou do patrimônio da instituição. Além disso é quem define as linhas gerais de trabalho e a contribuição para o desenvolvimento das atividades da fundação por meio da avaliação crítica dos projetos em andamento e de sugestões para novas iniciativas. Para cumprimento dessas responsabilidades são previstas reuniões ordinárias trimestrais. Saiba quem integra o conselho.

Roberto Stuckert Filho



Dilma Rousseff

Bacharel em Ciências Econômicas pela Universidade do Rio Grande do Sul (1974-1977) é doutora Honoris Causa pela Universidad Metropolitana para la Educación e Trabajo (UMET), da Argentina; doutora Honoris Causa pela Universidad Nacional de José Clemente Paz, da Argentina. Foi presidenta da República do Brasil entre 2011 e 2016. No governo Lula, foi ministra-chefa da Casa Civil da Presidência da República e ministra de Minas e Energia. Em 2002, foi coordenadora de Infra-estrutura do Governo de Transição. Entre 1993-1994 e 1999-2002, foi secretária de Estado de Energia, Minas e Comunicações do governo do Rio Grande do Sul, na gestão de Alceu Colares. Entre 1991 e 1993, foi presidenta da Fundação de Economia e Estatística do Estado do Rio Grande do Sul (FEE). Entre 1986 e 1988, foi secretária Municipal da Fazenda do Governo do Estado do Rio Grande do Sul. É presidenta de honra do Conselho Curador.

Fernando Haddad

Professor universitário e advogado, é mestre em Economia e Doutor em Filosofia pela USP. Professor do Departamento de Ciência Política da FFLCH-USP. Foi ministro de Estado da Educação, no governo Lula, entre 2005 e 2012. Foi prefeito de São Paulo entre 2013 e 2016. É o presidente do Conselho Curador da Fundação Perseu Abramo. Em 2018, foi o candidato do Partido dos Trabalhadores à Presidência da República.



Ricardo Stuckert

Arthur Chioro

Médico sanitarista, é mestre pela Unicamp e doutor pela Unifesp em Saúde Coletiva. Professor do Departamento de Medicina Preventiva e do Programa de Pós-Graduação em Saúde Coletiva da Escola Paulista de Medicina (UNIFESP). É membro do Laboratório de Saúde Coletiva (Lascol). Foi secretário de Saúde de São Vicente (SP) entre 1993 e 1996, e de São Bernardo do Campo (SP), entre 2009 e 2014. Foi presidente do Conselho de Secretários Municipais de Saúde do Estado de São Paulo (Cosems-SP) por três mandatos. Também foi diretor do Departamento de Atenção Especializada do Ministério da Saúde (2003-2005) e ministro de Estado da Saúde no governo Dilma Rousseff, entre 2014 e 2015. É o coordenador do NAPP-Saúde.

Ana Maria de Carvalho Fontenele

Professora associada e pesquisadora do Departamento de Teoria Econômica da Universidade Federal do Ceará. Tem Doutorado em Economia pela Universidade de São Paulo. Foi secretária municipal de Administração, secretária municipal

de Educação e secretária municipal de Saúde em Fortaleza (CE), entre 2005 e 2012. Desempenhou a função de assessora especial do Ministro da Saúde (2013) e foi Secretária Executiva da Secretaria do Estado da Cultura do Ceará (2015-2016).

Arlete Sampaio

Médica sanitarista, dirigente do PT, foi vice-governadora do Distrito Federal entre 1995 e 1998. Foi secretária-executiva do Ministério do Desenvolvimento Social no governo Lula e secretária do Desenvolvimento Social do GDF em 2011. Está no terceiro mandato como deputada distrital, presidindo a Comissão de Educação, Saúde e Cultura da Câmara Legislativa do Distrito Federal.

Azilton Ferreira Viana

É doutor e mestre em Ciência da Informação pela UFMG. Membro da Executiva da Secretaria Nacional LGBT do PT. Atuou como Assessor Parlamentar na Assembleia Legislativa de Minas Gerais entre 2003 e 2006. Foi membro das comissões dos programas de governo do PT para o segmento LGBTI nos governos Lula e Dilma e membro da Comissão do Programa de Governo do PT em Minas para o segmento LGBTI em 2014 e 2018.

Camila Vieira dos Santos

Começou a militância no movimento estudantil em Brasília. Graduiu-se em Comunicação Social na Universidade Católica de Brasília. Foi dirigente estadual do PT da Bahia e é membro do Diretório Municipal do PT em Salvador. No jornalismo se especializou em comunicação integrada e assessoria de comunicação, marketing político e gestão de mídias sociais. Foi assessora especial de comunicação da Secretaria Estadual de Desenvolvimento Social e Combate a Pobreza da Bahia, entre 2007 e 2010. Coordenou a comunicação da Secretaria Estadual de Políticas para as Mulheres da Bahia, entre 2010 e 2012. Foi coordenadora de publicidade da Secretaria Especial de Direitos Humanos no governo Dilma Rousseff. É chefe de gabinete do Instituto de Radiodifusão Educativa da Bahia – TVE Bahia e Educadora FM – emissoras públicas da Bahia.

Celso Amorim

Diplomata aposentado, foi ministro das Relações Exteriores no governo Lula e ministro da Defesa no governo Dilma Rousseff. É presidente do Comitê de Solidariedade Internacional a Lula e Defesa da Democracia.

Dilson de Moura Peixoto Filho

Técnico em Telecomunicações. Foi presidente do Sindicato dos Telefônicos de Pernambuco (SINTTEL-PE), entre 1984-1990, e da CUT de Pernambuco, entre 1988 e 1990. Foi vereador do Recife (PT) por quatro mandatos (1992-2008) e secretário de Serviços Públicos da Prefeitura do Recife (2003-2008) nas gestões de João Paulo (PT). No estado, foi criador e presidente do Consórcio de Transporte Metropolitano (CTM), entre 2007 e 2011, e secretário estadual das Cidades (2010-2011). Entre janeiro de 2019 e fevereiro de 2021, foi secretário estadual de Desenvolvimento Agrário.

Eleonora Menicucci

Professora Titular Sênior do Departamento de Medicina Preventiva da UNIFESP, Ex-pro-reitora de Extensão da UNIFESP, é coordenadora do NAPP-Mulher. Foi ministra de Política para as Mulheres nos governos Dilma Rousseff.

Eliane Aquino Custódio

Jornalista, presidiu a Ong Misão Criança em Aracajú, fundou o Instituto Marcelo Deda e hoje é vice-governadora pelo PT no Estado de Sergipe.

Elisa Guaraná de Castro

Antropóloga, é professora associada do Departamento de Ciências Sociais da UFRRJ, desde 1998. Graduada em Ciências Sociais pela UFRJ, é mestra em Sociologia pela UFRJ e doutora em Antropologia Social pela UFRJ. Professora da graduação, da Pós-Graduação de Ciências Sociais em Desenvolvimento, Agricultura e Sociedade (CPDA) e da Pós-Graduação em Ciências Sociais (PPGCS). É Integrante do Núcleo de Antropologia da Polí-

tica e participa do Grupo de Trabalho Infâncias e Juventudes da CLACSO.

Esther Bemerguy de Albuquerque

Economista pela UFPA, é especialista em Teoria Econômica pela UNICAMP/UNAMA e funcionária do Banco do Brasil entre 1983 e 1995. Foi Secretária de Finanças, entre 1997 e 2003, do governo do PT na Prefeitura de Belém. Foi secretária do Conselho de Desenvolvimento Econômico e Social da Presidência da República entre 2004 e 2011 e secretária de Planejamento e Investimentos Estratégicos do Ministério do Planejamento, entre 2012 e 2014.

Everaldo de Oliveira Andrade

Professor livre docente de História Contemporânea no Departamento de História da USP. Foi coordenador do programa de pós-graduação em História Econômica e do Laboratório de Economia Política da USP. Atua no movimento sindical docente pelo Fórum Renova Andes como membro da coordenação nacional e na Associação dos Docentes da USP. Na campanha do PT à prefeitura da capital de São Paulo, em 2020, organizou o livro "Universidade e Periferias" com o comitê de docentes e a proposta de criação de uma universidade municipal. Coordenou o comitê Lula Livre da USP, organizando atos e atividades e o livro "Lula Liberto" em 2018. Coordenou na USP o curso "O Golpe de 2016 e o futuro da democracia no Brasil" envolvendo docentes da universidade e o livro "O golpe de 2016 e a democracia" pela editora Hucitec. Organizou pela USP a série de Seminários em homenagem aos 120 anos de Mário Pedrosa com a fundação Perseu Abramo. Possui diversas publicações nas áreas de

história econômica e da América Latina como "Haiti: dois séculos de História" (Alameda, 2019), "A revolução boliviana" (ed. Unesp), "Bolívia: Democracia e Revolução" (Alameda, 2009) entre outros.

Fernando Pimentel

Militante da resistência à ditadura desde 1968, foi preso político na década de 70. É economista com pós-graduação em Ciência Política. Foi presidente do Conselho Regional de Economia em Minas Gerais, entre 1991 e 1993, secretário municipal de Fazenda de Belo Horizonte (1993-2000), vice-prefeito e prefeito de Belo Horizonte (2001/2008), ministro do Desenvolvimento, Indústria e Comércio no governo Dilma (2011-2014), e governador do Estado de Minas Gerais (2015/2018). É professor aposentado da UFMG.

Fernando Ferro

Iniciou a militância no movimento sindical, participando das fundações do PT e da CUT. Foi membro do primeiro Diretório do PT de Pernambuco. Ex-vereador do Recife, foi deputado federal pelo PT de Pernambuco. Engenheiro eletricitista, tem pós-graduação em Sistemas de Potência. Atualmente trabalha na Companhia Hidrelétrica do São Francisco (CHESF) na área de geração de energia solar. Militante na área de direitos humanos, meio ambiente e infraestrutura energética.

Francisco José Pinheiro

Doutor em História Social pela UFPE, é professor no Departamento de História na Universidade Federal do Ceará. Foi vereador de Fortaleza, secretário regional, na gestão Luiziane Lins, em Fortaleza, vice-governador do Ceará (2007-2011), deputado estadual (2011-2015), e secretário de Cultura do Ceará. Presidente do PT de Fortale-

za, foi membro da Executiva do PT do Ceará, em vários mandatos. Filiado ao PT desde 1988. Desenvolve pesquisa sobre a temática indígena, período colonial, e sobre o trabalho escravizado. Atualmente, dirige uma pesquisa em que está, junto com outros pesquisadores, transcrevendo a documentação do Ceará colonial, sob a guarda do Arquivo Histórico Ultramarino.

Iole Iliada Lopes

Doutora em Geografia Humana pela Universidade de São Paulo (USP), foi diretora do Sindicato Nacional dos Docentes das Instituições de Ensino Superior (ANDES-Sindicato Nacional), entre 2004 e 2006. No PT, atuou como assessora da Secretaria Nacional de Formação Política e foi secretária de Relações Internacionais (2011-2012). Integra o Grupo de Reflexões sobre Relações Internacionais. Na Fundação Perseu Abramo, foi diretora na gestão 2009 a 2012 e vice-presidenta na gestão 2013 a 2016.

José Roberto Paludo

Representante da Militância Socialista, é doutor e mestre em Sociologia Política pela UFSC. É master em Ciência Política Aplicada pela FIIAPP (Madrid, Espanha), graduado em História, professor de Mestrado na Unifacvest (Lages-SC) e coordenador do MBA em Inovação na Gestão Pública na FASA (Santo Ângelo-RS). Faz consultoria em mediação de planejamento estratégico e gestão de recursos humanos.

Laís Abramo

Socióloga, é mestra e doutora em Sociologia pela USP. Foi professora de Sociologia na Escola de Sociologia e Política e na PUC-SP. Também foi coordenadora da Comissão de Movimientos Laborales do Conselho Latino-americano de Sociologia (CLACSO), entre 1990 e 1995. É especialista em temas de

gênero e trabalho para a América Latina da Organização Internacional do Trabalho (OIT), onde atuou entre 1999 e 2005. Foi diretora do Escritório da OIT no Brasil entre 2005 e 2015; e diretora da Divisão de Desenvolvimento Social da Comissão Econômica para a América Latina e o Caribe (CEPAL), entre 2015 e 2019. É autora de diversas publicações sobre o mercado de trabalho, pobreza e desigualdade, políticas sociais, sindicalismo, trabalho decente, desigualdades de gênero e raça e juventude no mundo do trabalho.

Luiza Borges Dulci

Tem graduação em Economia pela UFMG, é mestra em Sociologia e Antropologia (UFRJ) e doutoranda do programa de Ciências Sociais, Desenvolvimento e Agricultura (UFRRJ), com estágio na Josef Korbel School of International Studies da Universidade de Denver, nos Estados Unidos. Foi assessora-chefe da Assessoria de Juventude Rural do Ministério do Desenvolvimento Agrário, entre 2015 e maio de 2016), quando coordenou a elaboração do Plano Nacional de Juventude e Sucessão Rural junto às organizações de juventude do campo, das florestas e das águas. Nesse mesmo período participou do Conselho Nacional de Juventude e do Conselho Nacional de Desenvolvimento Rural Sustentável. Atualmente, integra o Coletivo Agrário do PT e o Conselho Curador da Fundação Perseu Abramo. Constrói a rede de jovens economistas "Desajuste, economia fora da curva" e a Economia de Francisco e Clara, mais especificamente na Vila Agricultura & Justiça. É colunista da revista Teoria e Debate.

Maria Isolda Dantas de Moura

Cientista social pela Universidade do Estado do Rio Grande do Norte, é especialista em

políticas públicas pela Universidade de Brasília. Trabalhou nos governos Lula e Dilma na Diretoria de Políticas para Mulheres Rurais, coordenando o Programa Nacional de Documentação Trabalhadora Rural do Ministério do Desenvolvimento Agrário. Foi secretária municipal da Cultura de Mossoró e vereadora do Município de Mossoró (RN), entre 2017 e 2018. Foi eleita em 2018 deputada estadual pelo Rio Grande do Norte. É a líder da Bancada do PT na Assembleia Legislativa do Rio Grande do Norte e militante feminista da Marcha Municipal das Mulheres.

Nabil Georges Bonduki

Arquiteto e urbanista, é professor titular de Planejamento Urbano na FAU-USP e foi professor visitante na Universidade da Califórnia, em Berkeley (EUA). Em São Paulo, foi superintendente de Habitação Popular (1989-1992), relator do Plano Diretor Estratégico em 2002 e 2014, secretário de Cultura (2015-2016) e vereador por dois mandatos (2001-2004 e 2013-2016). No governo federal, foi secretário de Ambiente Urbano do Ministério do Meio Ambiente (2011-2012) e coordenador técnico de consultoria que elaborou o Plano Nacional de Habitação (2007-2009). Consultor de política urbana e habitacional em vários municípios. Prestou assessoria aos governos de Moçambique e Cabo Verde na elaboração dos planos nacionais de habitação. É autor de 13 livros, entre os quais "Origens da Habitação Social no Brasil" (1998), "Intervenções Urbanas em Centros Históricos" (2012), "Pioneiros da Habitação Social" (Prêmio Jabuti de 2015, na Categoria Arquitetura e Urbanismo) e "A luta pela Reforma Urbana no Brasil" (2018). É colunista do jornal Folha de S.Paulo e da Rádio USP e coordena o Napp Cidades da FPA.

Nilma Lino Gomes

Professora titular emérita da UFMG, é ainda professora do corpo permanente do Programa de Pós-Graduação em Educação, Conhecimento e Inclusão Social da FAE-UFMG. Bolsista de produtividade em pesquisa do CNPQ e coordenadora do Núcleo de Estudos e Pesquisas sobre Relações Étnico-raciais e Ações Afirmativas do CNPQ. Foi reitora da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-brasileira (UNI-LAB), ministra da Secretaria de Políticas de Promoção da Igualdade Racial e do Ministério das Mulheres, Igualdade Racial, Juventude e Direitos Humanos no governo Dilma Rousseff. É coordenadora do NAPP de Igualdade Racial.

Paulo Gabriel Soledade Nacif

Professor Titular da UFRB, é engenheiro agrônomo pela UFBA, tendo concluído o mestrado em 1994 e o doutorado, em 2000, em Solos pela Universidade Federal de Viçosa. Desenvolve estudos nas áreas de “Inclusão e Diversidade na Educação”, “Sistemas de ensino” e “Solos e Meio Ambiente”. É Presidente do Conselho Estadual de Educação da Bahia e Coordenador do Observatório Nacional de Inclusão e Diversidade na Educação –DIVERSIFICA. Foi secretário de Educação do MEC (2015-2016); reitor da UFRB (2006-2015); diretor da Escola de Agronomia da UFBA (2003-2006); secretário de Educação de Lauro de Freitas (2017-2019), entre outros cargos.

Penildon Silva Filho

Graduado em Comunicação e Jornalismo, é mestre e doutor em Educação pela UFBA. Professor da UFBA desde 2006, atualmente é o pró-reitor de Ensino da universidade. Dirigiu o Instituto Anísio Teixeira, órgão responsável pela

formação dos profissionais da Educação do Estado da Bahia, ligado à Secretaria da Educação, de 2007 a 2011. Foi secretário de Comunicação de Vitória da Conquista de 2011 a 2012. Atua na linha de pesquisa de Política e Gestão da Educação, tendo dirigido a Associação Nacional de Política e Administração da Educação – seção Bahia, entre 2015 e 2016.

Sandra Maria Sales Fagundes

Psicóloga psicanalista, é consultora em políticas públicas, mestre em pedagogia, professora convidada da Maestria em Salud Mental da Universidad Nacional de Córdoba, na Argentina; e da Residência Multiprofissional em Saude Mental Coletiva da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Foi secretaria municipal de Saúde de Porto Alegre entre 2003 e 2004, secretaria estadual de Saúde do Rio Grande do Sul entre 2013 e 2014; e superintendente do Grupo Hospitalar Conceição, entre 2015 e 2016. É ativista da luta antimanicomial, integrante setorial de Saúde do Rio Grande do Sul e Nacional, participando do Napp Saude.

Sergio Aparecido Nobre

Tem 55 anos, e iniciou sua trajetória no movimento sindical como trabalhador metalúrgico. Em 1980, ainda aprendiz do Senai, ingressou na Scania. Seis anos depois começou a trabalhar na Mercedes-Benz, onde está ativo até hoje. Coordenou o Setor Automotivo da CNM-CUT (Confederação Nacional dos Metalúrgicos). Foi eleito e reeleito presidente do Sindicato dos Metalúrgicos do ABC em 2008 e 2011, respectivamente. Integrou Conselhos e instâncias tripartites criados nos governos Lula e Dilma como representante da classe trabalhadora. Foi Secretário Geral da CUT-Nacional no período de 2012 a 2015, re-

eleito para 2015 e 2019 e eleito presidente da Central Única dos Trabalhadores, no 13º CONCURT, em outubro de 2019. É coautor do livro “Leitura nas Fábricas” (2011), sobre programa pioneiro de bibliotecas nas fábricas da base do SMABC para incentivar a leitura nos locais de trabalho. Assina com livro coletivo “Nosso Século XXI”, com texto sobre o movimento sindical. É um dos 38 sócios-fundadores do Instituto Lula. É graduado em Relações Internacionais pela Fundação Santo André, turma de 2009.

Tereza Campello

Economista, professora visitante da Faculdade de Saúde Pública da Universidade de São Paulo (USP), é professora do Programa de Pós-Graduação em Políticas Públicas em Saúde da Escola Fiocruz de Governo. Doutora Notório Saber em Saúde Pública pela Fundação Oswaldo Cruz com pós-doutorado em Segurança Alimentar pela Universidade de Nottingham, do Reino Unido. Foi ministra do Desenvolvimento Social e Combate à Fome no governo Dilma, tendo coordenado o Plano Brasil Sem Miséria, que retirou 22 milhões de pessoas da pobreza extrema. Também coordenou o Programa Bolsa Família, a Política Nacional de Assistência Social, a Política Nacional de Segurança Alimentar e Nutricional e o Programa de Cisternas.

Vladimir de Paula Brito

Especializou-se em Sistemas de Banco de Dados, e posteriormente, em Inteligência Competitiva e Inteligência de Estado e Segurança. Concluiu o mestrado estudando “O papel informacional dos serviços secretos”. Tem doutorado em Ciência da Informação pela UFMG, estudando desinformação, decepção e operações psicológicas, temas dos serviços de inteligência estatais. •

RESISTÊNCIA CULTURAL NAS PERIFERIAS BRASILEIRAS



O livro *Cultura Política das Periferias. Estratégias de Reexistência*, lançado em 29 de março pelo selo Reconexão Periferias, da Fundação Perseu Abramo, está disponível para ser baixado gratuitamente no site da [FPA](#). O lançamento teve a participação de autores, poetas, musicistas e rappers.

Organizada por Ana Lucia Silva Souza, a publicação traz um capítulo introdutório e 23 artigos de 42 autores que expressam vozes de coletivos, produções e fazeres da cultura periférica, na contração dos apagamentos e silenciamentos sistemáticos cotidianos, em especial os das juventudes negras, que ocorrem no país.

A publicação abre uma série de três livros que tratarão também dos temas Violência e Trabalho, em relatos e poemas sobre experiências vividas por ativistas, intelectuais, estudantes, militantes e artistas, que produzem e promovem a resistência nas periferias de todo o Brasil.

O Projeto Reconexão Periferias compreende que as periferias do

Brasil, ao mesmo tempo em que concentram os corpos das desigualdades e exclusão, também aglutinam atrizes e atores que protagonizam diversos projetos e ações criativas e políticas que dão forma às agendas emergentes e iniciativas autônomas que por sua vez respondem aos problemas imediatos da população local influenciando as políticas públicas em vários segmentos.

É nesta perspectiva que este livro reúne ativistas, intelectuais, artistas, educadoras e educadores que narram projetos, intervenções e efeitos de participação política em diversos espaços. São mulheres e homens de vários cantos do Brasil, que têm em comum a luta por mais direitos e por uma vida mais justa para todas as pessoas, e também a escrita em diferenciadas cadências para afirmar a importância de fazer, de registrar, de disseminar uma história que agora a gente mesmo quer contar. Para algumas pessoas, e isso é importante marcar, trata-se da inauguração do exercício de colocar o preto no branco do papel, e ainda mais

ter o seu nome impresso em um sumário de livro.

Sobre o Reconexão Periferias

O projeto nasceu de uma resolução partidária do 6º Congresso do PT, em 2017, contexto no qual o partido procurava se recompor do processo de impeachment ilegal contra a presidenta Dilma Rousseff, restabelecendo uma relação da sigla com organizações da sociedade civil, movimentos sociais e ativistas que florescem nas periferias do Brasil.

Com a colaboração de muitas pessoas em todo o território nacional, foram realizados encontros, estudos e produção de conteúdo para internet, movimentando arenas locais e nacionais, dando vazão e proeminência à resistência Brasil afora.

Ficha técnica

Livro "Cultura Política das Periferias Estratégias de Reexistência"
Editora Fundação Perseu Abramo, selo Reconexão Periferias
Organização: Ana Lucia Silva Souza.



Plano de reconstrução e transformação do Brasil

OUTRO MUNDO
É PRECISO
OUTRO BRASIL
É NECESSÁRIO



FUNDAÇÃO
Perseu Abramo
Partido dos Trabalhadores

Documento histórico, o Plano de Reconstrução e Transformação do Brasil tem como objetivo fortalecer a democracia e recolocar o Estado a serviço do país e do povo. O PT e a Fundação Perseu Abramo propõem a adoção de medidas econômicas de emergência e de longo prazo, com a recuperação de direitos dos trabalhadores e a retomada da soberania nacional.

O texto está disponível no site da Fundação Perseu Abramo: <http://fpabramo.org.br>.



**O PT É
DEMOCRACIA
LIBERDADE E
JUSTIÇA**



**#DITADURA
NUNCA MAIS**